



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



*Jesselyn Nayara Tashima*

**Tradução e adaptação da escala de potencial de ajustamento  
intercultural para a realidade brasileira**

**UBERLÂNDIA  
2011**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



*Jesselyn Nayara Tashima*

**Tradução e adaptação da escala de potencial de ajustamento  
intercultural para a realidade brasileira**

Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação  
em Psicologia – Mestrado, do  
Instituto de Psicologia da  
Universidade Federal de  
Uberlândia, como requisito  
parcial para a obtenção do  
Título de Mestre em  
Psicologia Aplicada.

Área de Concentração:  
Psicologia Aplicada.

Orientador: Prof. Dr. Sinésio  
Gomide Júnior

**UBERLÂNDIA  
2011**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

T197t      Tashima, Jesselyn Nayara, 1983-  
2011      Tradução e adaptação da escala de potencial de ajustamento  
             intercultural para a realidade brasileira / Jesselyn Nayara Tashima. -  
             2011.  
             125 f. : il.

             Orientador: Sinésio Gomide Júnior.  
             Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,  
             Programa de Pós-Graduação em Psicologia.  
             Inclui bibliografia.  
             1. Psicologia - Teses. 2. Psicologia aplicada - Teses. I. Gomide  
             Júnior, Sinésio. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa  
             de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

---

CDU: 159.9



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



*Jesselyn Nayara Tashima*

**Tradução e adaptação da escala de potencial de ajustamento  
intercultural para a realidade brasileira**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientador: Prof. Dr. Sinésio Gomide Júnior

**Banca Examinadora**

Uberlândia, 02 de setembro de 2011

---

Prof. Dr. Sinésio Gomide Júnior (Orientador)  
Instituição: Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

---

Profa. Dra. Áurea de Fátima Oliveira (Examinadora)  
Instituição: Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

---

Prof. Dr. Cláudio Vaz Torres (Examinador)  
Instituição: Universidade de Brasília – Brasília, DF

---

Profa. Dra. Mirlene Maria Matias Siqueira (Examinador Suplente)  
Instituição: Universidade Metodista de São Paulo – São Bernardo do Campo, SP

**UBERLÂNDIA  
2011**

## **AGRADECIMENTOS**

Chega-se ao final de mais uma etapa. Durante este período, pude contar com o auxílio, compreensão e incentivo de muitas pessoas. Devo a elas meu carinho e minha gratidão.

Em especial, agradeço:

Ao meu amor, João Marcelo, pelo apoio e amor incondicional e por todo incentivo e força que me proporcionou neste período de minha vida. Sempre ao meu lado, acreditando em minhas escolhas, compartilhando sonhos e projetos e confortando meu coração... sendo essencial em minha vida a cada dia.

Aos meus pais, Gumercindo e Marisa, que mesmo distantes sempre foram exemplos para mim de força, união e amor. Tenho muito orgulho de vocês e agradeço todos os dias por tê-los como meus pais e meus amigos. Sou eternamente grata por todo apoio e incentivo que vocês me proporcionaram em minhas buscas por conhecimentos e novos desafios e por todo suporte que vocês deram para que eu pudesse concluir mais esta etapa de minha vida!

Às minhas queridas irmãs e amigas, Daren, Janine e Laira pelo amor e carinho que vocês sempre demonstraram por mim e por serem minhas verdadeiras companheiras pro que der e vier! Além disto, vocês trouxeram para minha vida, umas peças raras que tenho a alegria de chamar de meus cunhados: Guilherme, Marcos e Luciano. Obrigada por cuidarem bem destes presentinhos mais que especiais que a vida me deu e por completarem a formação desta grande família!

À toda minha família, em especial aos meus queridos sobrinhos, Ýcaro, Cecília, Giulia, Ayumi e João Guilherme que enchem meu coração de alegria e felicidade e que me fazem sentir a leveza da vida.

Ao meu querido orientador, Professor Doutor Sinésio Gomide Júnior, por acolher minhas ideias e acreditar em minhas escolhas. Por todo ensinamento durante a graduação e em especial nesta fase do mestrado, pela paciência e apoio na realização desta dissertação. Obrigada pela confiança, direcionamento e pela tranquilidade que você sempre me proporcionou neste período.

A todos os meus grandes amigos, que de maneira muito carinhosa e especial sempre torceram por mim e acolheram minhas angústias e ansiedades nos momentos difíceis e comemoraram comigo minhas vitórias e conquistas.

Aos meus queridos amigos e colegas de mestrado, Marseilly e Rodrigo, que durante estes dois anos e cinco meses dividiram comigo as angústias e as alegrias desta etapa de nossas vidas. Pelos grupos presenciais ou virtuais, por serem cúmplices de todo esforço empregado para se conseguir o objetivo almejado, pelo suporte técnico e emocional nos momentos de dúvidas e dificuldades e por todos os momentos divertidos que tivemos juntos. Ter vocês perto de mim durante todo este tempo foi muito confortante e devo a vocês todo meu carinho e amizade!

Aos queridos amigos: Amanda, Bruno e Lucas: pelas contribuições em meu trabalho antes ou durante o mestrado, pelos conselhos e suporte que me deram, pela dedicação

em me ajudar e pela alegria de tê-los como meus amigos, minha gratidão e carinho por vocês são imensos.

A todos os meus alunos e ex- alunos e aos meus amigos de trabalho, Djanane, Rosana, Wiliam e Eduardo: Vocês me fazem acreditar na educação e são uma das razões de eu querer aprender cada dia mais. Ser professora nesta etapa foi uma das tarefas mais complexas e desafiadoras que tive. Sou muito grata pela oportunidade de poder compartilhar com vocês tudo que tenho aprendido e aprender com vocês a cada dia. Obrigada pelos gestos de carinho e incentivo.

Ao PGPSI, em especial à Marineide e Alice que sempre se mostraram muito atenciosas e compreensivas.

Aos professores do PGPSI, em especial às professoras Áurea e Marília Dela Coleta, pelas contribuições importantes que trouxeram na qualificação e durante as disciplinas do mestrado e ao Professor Joaquim, que se mostrou muito atencioso e prestativo para discutir os resultados desta dissertação.

Às minhas auxiliares de pesquisas, que logo de início se prontificaram em me ajudar e com muito profissionalismo e responsabilidade foram muito importantes para a conclusão desta etapa

A todos os alunos que contribuíram para a realização deste estudo.

## RESUMO

O presente estudo teve como objetivo adaptar a escala *Intercultural Adjustment Potencial Scale* (ICAPS) desenvolvida por Matsumoto e LeRoux (2006) para o contexto brasileiro. O instrumento tem por objetivo avaliar o grau de dificuldade que uma pessoa terá ao se ajustar a uma nova cultura. Neste estudo optou-se por trabalhar com os 26 itens capturados pelos quatro fatores da versão original (regulação emocional, flexibilidade, abertura e pensamento crítico). O processo de adaptação cultural seguiu cinco etapas: tradução do instrumento para o português, retrotradução do português para o inglês, avaliação semântica por comitê de juízes, pré-teste da versão de ICAPS em português e administração do instrumento à população alvo para a adaptação cultural do instrumento para o contexto brasileiro e para verificar as características psicométricas. A amostra foi composta por 428 estudantes de uma universidade federal do Triângulo Mineiro e de outra instituição de ensino da cidade de Uberlândia, com idade entre 14 e 46 anos (média= 19,21, desvio padrão= 3,97). Os dados foram submetidos ao cálculo da confiabilidade dos fatores originais de ICAPS e às análises fatoriais necessárias à adaptação e validação do instrumento. A estrutura fatorial ficou composta por 4 fatores que explicaram 30,78% da variância total. O índice de confiabilidade para o fator “Regulação Emocional” foi de 0,10, para o fator “Abertura” de -0,35, para o fator “Flexibilidade” de -0,04 e para o fator “Pensamento Crítico” de 0,45. Os resultados apontaram para uma estrutura que não apresentou suporte empírico para o contexto brasileiro. Discutiram-se as limitações teóricas para o construto em estudo e algumas possíveis falhas na construção do instrumento. Com este estudo pretende-se encorajar novas pesquisas envolvendo ajustamento intercultural e instrumentos psicológicos.

Palavras-chave: instrumento psicológico, adaptação cultural, psicomетria.



## **ABSTRACT**

This study aimed to adapt the Intercultural Adjustment Potential Scale (ICAPS), developed by Matsumoto and LeRoux (2006) to the Brazilian context. The purpose of this instrument is to predict the degree of difficulty a person will have in adjusting to a new culture. In this study, it was opted to work with the 26 items captured by the four factors (emotion regulation, flexibility, openness, critical thinking). The adaptation process followed five steps: translation to Portuguese, back translation to English, semantic analysis by expert committee and pretest of the ICAPS version in Portuguese and administration of the instrument to the target population in order to conduct the cultural adaptation of the scale to the Brazilian context and to verify the psychometrics properties. The sample consisted of 428 students from a Federal University from Triângulo Mineiro and from other Private Educational Institution of Uberlândia, the age varied between 14 and 46 (mean= 19.21, standard deviation= 3.97). The data were submitted to reliability calculation of the original factors of ICAPS and to factorial analysis needed for the adaptation and validation of the instrument. The factorial structure was composed by 4 factors that accounted for 30.78% of the total variance. The reliability for the factor “Emotion Regulation” was 0.10; for the factor “Openness” was -0.35, for the factor “Flexibility” was -0.04 and for the factor “Critical Thinking” was 0.45. The results pointed for a structure with no empirical support for the Brazilian context. It were discussed the theoretical limitations to the construct and possible flaws of the construction of the instrument. This study has the purpose to encourage new researches involving intercultural adjustment and psychological instruments.

**Keywords:** psychological instrument, cultural adaptation, psychometrics.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Descrição da amostra.....	71
Tabela 2: Resumo das características dos itens originais de ICAPS e índice de confiabilidade da amostra de validação.....	76
Tabela 3: Comunalidades.....	77
Tabela 4: Variância Total explicada.....	79
Tabela 5: Matriz de Correlação entre os Fatores.....	81
Tabela 6: Variância Total explicada.....	82
Tabela 7: Matriz Padrão.....	82
Tabela 8 - Composição dos Fatores, Variâncias Explicadas, Valores próprios, Cargas fatoriais dos Itens e “Alpha de Cronbach” dos fatores.....	84
Tabela 9: Estatísticas do Fator 1.....	85
Tabela 10: Estatísticas do Fator 2.....	86
Tabela 11: Estatísticas do Fator 3.....	86
Tabela 12: Estatísticas do Fator 4.....	87

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Scree Plot.....	80
----------------------------	----

## Sumário

<b>1 Introdução</b>	12
1.1 Contextualização do tema	13
<b>2 Revisão Teórica</b>	16
2.1 A definição de cultura na psicologia	17
2.2 Migração: aspectos sociais e econômicos	20
2.3 Migração: aspectos psicológicos e consequências para o indivíduo	24
2.4 Termos utilizados em referência ao fenômeno intercultural	28
2.5 Determinantes do ajustamento intercultural	33
2.6 Teorias e métodos de avaliação do ajustamento intercultural	42
2.6.1 Modelos de ajustamento, sensibilidade e competência intercultural	45
2.6.2 Instrumentos de ajustamento, sensibilidade e competência intercultural	49
2.7 ICAPS – <i>Intercultural Adjustment Potential Scale</i>	55
<b>3 Método</b>	64
3.1 Adaptação transcultural de instrumento de medida	64
3.1.1 Tradução e retrotradução	66
3.1.2 Análise semântica do instrumento	67
3.1.3 Pré-teste	68
3.1.4 Adaptação do instrumento	68
3.5 Análise dos dados	70
4.5.1 Descrição da amostra	70
4.5.2 Análise da Confiabilidade e Validade de ICAPS	71
4.5.2.1 Confiabilidade	72
4.5.2.2 Validade	73
<b>4 Resultados</b>	74
4.1 Tradução e retrotradução	74
4.2 Análise semântica do instrumento	74
4.3 Pré-teste	75
4.4 Adaptação do instrumento	75
4.4.1- Confiabilidade do instrumento	76
4.4.2- Adaptação e validação do instrumento	77
<b>5 Discussão</b>	88
<b>6 Conclusão</b>	93
<b>7 Referências Bibliográficas</b>	95
ANEXO A	117
ANEXO B	120

ANEXO C	122
ANEXO D	123
ANEXO E	124

## **1- Introdução**

O processo de ajustamento a uma nova cultura é um fenômeno complexo e abrange aspectos sociais, culturais e psicológicos. Os fatores que podem influenciar no ajustamento intercultural incluem desde aspectos individuais como traços de personalidade e características biológicas, bem como fatores políticos, econômicos e culturais das sociedades envolvidas. A literatura aponta a existência de vários instrumentos que buscam medir este grau de ajustamento sob diversas abordagens e finalidades. Porém, há uma escassez de pesquisas realizadas no Brasil com o tema de ajustamento intercultural de migrantes e a inexistência de instrumentos específicos para avaliar o potencial de ajustamento intercultural que seja construído ou adaptado à população brasileira. Diante do exposto, faz-se necessário adaptar culturalmente um instrumento já validado e disponível em outro idioma e utilizado por outros pesquisadores ou construir um novo instrumento para avaliar o construto estudado. Assim, nesta pesquisa buscou-se adaptar a Escala de Potencial de Ajustamento Intercultural (ICAPS) ao contexto brasileiro, testar e verificar suas características psicométricas. Esta escala tem como objetivo avaliar o potencial de ajustamento intercultural de pessoas em situação de migração dentro ou fora do país e tem sido bastante utilizada em diversos contextos de migração e em populações culturalmente distintas. Para a adaptação da escala para o Brasil, procurou-se seguir um protocolo de procedimentos de adaptação transcultural de instrumentos de medida com a finalidade de garantir uma melhor compreensão possível para a população alvo, bem como proporcionar uma equivalência entre o instrumento original e a versão brasileira.

Na próxima Seção tem-se a contextualização do tema e a questão central deste trabalho. Após será apresentada uma revisão da literatura organizada em tópicos.

### **1.1- Contextualização do tema**

A migração de indivíduos para uma cultura diferente tem sido fato frequente na história da humanidade (Sam & Berry, 2006). Por diversas razões o ser humano tem viajado por terras distantes, seja pela fuga de catástrofes, perseguições políticas ou religiosas, pela busca de novos produtos e serviços (Sam & Berry, 2006), seja pela simples aventura para conhecer novos lugares (Stewart & Leggat, 1998). Paiva (2004) complementa esta ideia afirmando que o fator econômico e social tem sido o motivo mais frequente, sendo a demanda e a oferta de trabalho na maioria das vezes determinante para a ocorrência da migração.

Além do mais, devido à globalização, Freire e Neto (1990) afirmam existir vários incentivos para que os indivíduos busquem este contato intercultural. As facilidades de deslocamentos e a abertura política dos países têm possibilitado o fluxo migratório de milhares de pessoas para as mais diversas regiões do mundo (Freire & Neto, 1990).

Para Bagno, Ewald e Cavalcante (2008), a migração, do ponto de vista macro-social, pode ser entendida pela existência de desigualdade econômica e social entre as várias regiões do globo, sendo que as regiões mais prósperas e mais desenvolvidas têm sido geralmente, destino de milhares de pessoas. Sob um prisma individual, os deslocamentos têm sido consequências de escolhas racionais de indivíduos rumo a uma sociedade que ofereça melhores condições de vida. Assim, a migração para cada indivíduo pode significar ganhos e perdas, ganhos possibilitados por uma relativa ascensão social e perdas no que diz respeito ao contato com familiares, amigos e aspectos da cultura de origem (Bagno et al., 2008).

As migrações têm ocorrido em contextos internacionais e regionais. Em ambos os casos, além de causar impacto nas sociedades envolvidas, sendo historicamente associados ao desenvolvimento econômico de determinadas regiões, provocam mudanças nos indivíduos migrantes, que ao buscarem uma melhor qualidade de vida, têm suas vidas transformadas pela nova realidade (Carvalho, 2008).

Seja uma escolha voluntária ou por motivos de pressão social ou econômica, a migração como parte da história de milhares de pessoas e de diversas regiões do mundo tem requerido uma necessidade de adaptação destes grupos de pessoas às novas regras, leis e hábitos da nova cultura (Van der Zee & Van Oudenhoven, 2001).

O aumento dos processos migratórios trouxe uma preocupação entre os pesquisadores em se compreender o comportamento humano em contato com uma cultura distinta (Brein & David, 1971), sobretudo como a migração afeta psicologicamente os indivíduos (Carvalho, 2008) e como as variáveis situacionais e individuais influenciam na adaptação intercultural (Stahl & Caligiuri, 2005).

Especialmente nos últimos vinte anos, estudiosos das áreas psicossociais, educacionais e da saúde têm desenvolvido modelos teóricos explicativos e instrumentos de avaliação das dificuldades ou sucesso no processo de adaptação cultural (Sarriera, 2000). O crescente aumento dos estudos sobre os fatores determinantes da adaptação intercultural expandiu o conhecimento sobre o tema e ampliou as formas de investigação. Porém, para Stahl e Caligiuri (2005) ainda há lacunas e falhas conceituais e metodológicas que precisam ser esclarecidas para que haja uma contribuição significativa para o avanço da teoria.

Contudo, embora ainda não haja um consenso entre os pesquisadores do que seja determinante para uma adaptação intercultural bem sucedida, várias pesquisas têm

demonstrado a influência de habilidades afetivas, cognitivas e comportamentais dos indivíduos no contato com diferentes culturas (Matsumoto, Hirayama & LeRoux, 2005).

Um exemplo disto é o fato de que vários instrumentos têm sido construídos com a finalidade de se avaliar os vários aspectos da adaptação cultural. A busca por compreender porque algumas pessoas se adaptam melhor do que outras e quais fatores individuais são determinantes neste processo tem impulsionado teóricos de diversas partes do mundo a desenvolver ferramentas que possam medir este grau de adaptação em diferentes contextos e sobre diferentes orientações (Leong, 2007).

Contudo, faz-se necessário avaliar e ampliar as bases teóricas e empíricas do construto em estudo. Para Sarriera, Pizzinato e Menezes (2005) o tema do ajustamento intercultural é relativamente novo e necessita ser mais bem explorado já que é cada vez mais freqüente o número de pessoas que buscam oportunidades melhores em outras localidades. Os mesmos autores também enfatizam a necessidade de a psicologia no Brasil realizar mais pesquisas com o tema de ajustamento de migrantes e os fenômenos psicológicos envolvidos (Sarriera et al., 2005).

Pretende-se, portanto, oferecer dados relevantes que proporcionem um conjunto de informações mais sistematizadas em torno da temática. Outrossim, este estudo visará fornecer ferramentas aos pesquisadores e profissionais que trabalham com processos psicológicos e adaptação cultural.



## **2- Revisão Teórica**

Este capítulo consiste em uma revisão da literatura sobre o tema de ajustamento intercultural e tem por objetivo ilustrar os principais conceitos que abrangem a temática, os modelos e as ferramentas de avaliação existentes sobre o assunto e uma investigação teórica sobre o instrumento deste estudo.

Na Seção 2.1, o tema cultura é explorado dentro do contexto da psicologia e dos encontros interculturais, destacando a importância de seu estudo para a compreensão do fenômeno em questão. Na Seção 2.2, o assunto principal é a migração a partir de uma perspectiva social e econômica, sua relevância no passado e na atualidade, evidenciando as características peculiares dos movimentos internacionais e regionais. Na Seção 2.3 busca-se elucidar os principais achados sobre migração e aspectos psicológicos, apresentando as principais consequências do encontro intercultural para os indivíduos. A seção 2.4 é uma explanação dos principais conceitos sobre ajustamento cultural, enfatizando as diferenças entre aculturação, adaptação, ajustamento e os tipos de ajustamentos. Na Seção 2.5 são apresentadas as principais pesquisas que abordam as variáveis determinantes do ajustamento cultural. Na Seção 2.6 são abordados os modelos e instrumentos de avaliação existentes mais conhecidos e utilizados pelos teóricos da área e por fim, a Seção 2.7 tem como propósito apresentar o instrumento deste estudo, ICAPS, desde a construção até os resultados de pesquisas com outros pesquisadores utilizando a escala.

## **2.1 – A definição de cultura na psicologia**

Na psicologia, a necessidade de se enfatizar com mais veemência os aspectos culturais nas investigações do comportamento humano tem sido foco de estudos de pesquisadores em diferentes épocas. Além disto, a psicologia tem se posicionado diante da cultura de maneira heterogênea e muitas vezes controversa, o que tem conduzido a uma infinidade de nuances conceituais próprias do objeto em estudo (Ribas & Moura, 2006).

Segundo Massimi (2006), a partir do século XVI, a cultura, no contexto da psicologia, tem sido relacionada ao termo civilização, no sentido que caracteriza uma tentativa de entender e planejar a própria existência e realidade. Desse modo, a cultura é vista como a expressão de valores e conhecimentos de uma comunidade desenvolvidos ao longo da história (Massimi, 2006).

Desde então, várias abordagens dentro da psicologia têm apresentado vários conceitos sobre o tema. Na década de 1970, Skinner (1976), com uma visão mais naturalista, avalia a cultura como algo externo, fabricado pelos indivíduos em seu processo de interação com o meio circundante e como uma variável passível de mediação e controle.

A partir de 1990, o tema teve grande repercussão em diversas vertentes da psicologia e muitos esforços foram observados para se incluir a cultura como parte integrante e necessária para o entendimento do comportamento humano (Valsiner, 1995). Assim, para Motta e Caldas (1997) a cultura pode ser entendida como a maneira pela qual uma sociedade exprime suas necessidades materiais e psicossociais requeridas pelo meio ambiente. Assim como os indivíduos, as sociedades escolhem a maneira mais adequada de refletir e compreender determinada realidade de acordo com a demanda

ambiental. Neste caso, o ambiente representa um papel de provedor de crescimento e sobrevivência.

Um dos representantes da psicologia da cultura, Cole (1998) destaca a cultura em suas teorias e a define como um processo construído pela interação ativa dos indivíduos com o meio ambiente. Diante desta perspectiva, a cultura é concebida como algo interno, intersubjetivo e que influencia o comportamento humano.

Um dos grandes expoentes dos estudos sobre cultura, Hofstede (1997) apontou que cada indivíduo traz consigo modelos de pensamento, de sentimentos e de ação potencial, que são consequências de todo um processo de aprendizado que teve início na infância e que necessita ser reformulado a cada novo aprendizado, é preciso destruir para construir. Assim, segundo este autor, a cultura é algo aprendido pelos indivíduos e é o que diferencia um grupo do outro. Sendo que um grupo não pode ser considerado superior ou inferior a outro. Para se compreender e estudar as diferenças culturais é preciso usar do relativismo cultural, que consiste em adotar uma postura neutra, sem juízo de valor, ao se inserir num contexto cultural diferente.

Além disto, este autor ficou muito conhecido por apresentar quatro dimensões ligadas à diversidade cultural: individualismo vs. coletivismo, que diz respeito ao grau em que a sociedade encoraja e recompensa comportamentos individuais em oposição aos comportamentos coletivos; o controle da incerteza que pode ser definido como o grau em que a sociedade reduz a incerteza pelo uso das invenções sociais, definido como sendo o grau de inquietude dos seus habitantes frente às situações desconhecidas ou duvidosas; masculinidade vs. feminilidade que diz respeito ao grau em que a sociedade encoraja e recompensa comportamentos caracterizados por adjetivos masculinos ou femininos e divisões de papéis por gênero; distância do poder que é definida pelo autor como a “medida do grau de aceitação, por aqueles que têm menos

poder nas instituições e organizações de um país, de uma repartição desigual de poder (Hofstede, 1997).

Com uma visão cognitivista, Matsumoto (2007) afirma que a cultura é um sistema de informações e significados que requer dos grupos desenvolverem suas habilidades adaptativas com intuito de satisfazerem suas necessidades biológicas e seus propósitos sociais. Ainda segundo Matsumoto (2007) o que diferencia a cultura humana da de outros animais são as habilidades cognitivas que permitem o desenvolvimento de uma ampla e complexa rede social, a criação e aprimoramento de práticas e crenças culturais e a transmissão dos comportamentos sociais ao longo das gerações. Outrossim, as habilidades cognitivas contribuem para a expressão de elementos como criatividade e planejamento e possibilitam ao ser humano dar significado à própria existência.

Mais recentemente, Lordelo (2010) faz uma comparação entre os conceitos de cultura apresentados pelos psicólogos evolucionistas. A psicologia evolucionista, muito influenciada pelos conceitos darwinianos de evolução da espécie e determinismo biológico, tem demonstrado divergências conceituais e metodológicas entre os próprios teóricos e tem sido foco de muitas críticas, sobretudo por questionar o papel da cultura no estudo do comportamento humano.

Smith (2000) destaca três vertentes da psicologia evolucionista: a Ecologia Comportamental, a Antropologia Evolutiva e a Psicologia Evolucionista. Para os ecólogos comportamentais a cultura é o reflexo das adaptações humanas ao contexto ambiental, com finalidade de reprodução e melhoria de condições de vida. Por outro lado, a Antropologia comportamental evolutiva se caracteriza pela atenção dada ao fator genético e o caráter evolutivo da cultura e das sociedades. Por fim, a Psicologia Evolucionista defende a ideia de que cultura é a informação compartilhada inter e intra gerações. Importante mencionar que esta última abordagem destaca para a existência de

mecanismos psicológicos universais aos homens que estariam intimamente ligados à adaptação dos indivíduos aos contextos ambientais (Smith, 2000).

De modo geral, grande parte das abordagens ligadas ao tema tem tentado compreender a ligação entre o contexto ambiental e o comportamento dos indivíduos. Além disto, elas compartilham da ideia de que a cultura compreende um conjunto de valores, normas e comportamentos que são transmitidos de geração para geração e tem se firmado como uma variável de grande impacto na história da humanidade e no desenvolvimento e comportamento humanos (Ribas & Moura, 2006).

Se por um lado o entendimento do conceito de cultura recorre a uma busca dos traços e valores comuns que contribuem para a formação de determinada sociedade e que são expressos pelos indivíduos através de seus comportamentos (Rodrigues & Duarte, 1999). Por outro lado, tem se consolidado como uma expressão da diferença, das identidades, do pluralismo, que induzem comportamentos e reproduzem valores determinados por um grupo.

Contudo, a noção de cultura implica em aceitar que o ambiente exerce uma poderosa influência no comportamento humano. Porém, mais do que isso, o conceito de cultura sugere a necessidade de elucidar como e em quais situações se dá esta influência (Matsumoto, 2007).

## **2.2- Migração: aspectos sociais e econômicos**

A palavra migração indica mudança, viagem, deslocamento de um lugar a outro (Menezes, 1976). Pode ser definida também como a passagem de pessoas entre diferentes lugares (Carvalho, 2008).

A migração tem ocorrido desde os primórdios da humanidade. Pode-se afirmar que a história de todas as nações e povos do mundo todo é resultado de grandes migrações que ocorreram ao longo dos tempos e continuam a ocorrer na atualidade (Sarriera et al., 2005).

No passado, a migração era associada à colonização de novas terras, à busca por mão de obra e à exploração e extração de recursos naturais para sobrevivência e mais tarde, comercialização. Desde então, o homem não parou em um só lugar, sempre em busca de novas terras e novas oportunidades (Levy, 1974).

Na atualidade, a migração tem ganhado grandes proporções no cenário mundial devido às facilidades oferecidas pelo meio político, econômico e social. As aberturas políticas e econômicas dos países somadas ao advento da tecnologia nos âmbitos da comunicação e do transporte têm proporcionado um deslocamento mais acessível e mais rápido às mais variadas parcelas da população (Ueno, 2008).

Desse modo, a migração tem sido observada em diversos grupos e contextos. Ela ocorre tanto entre os trabalhadores braçais, refugiados, estudantes até entre empresários altamente qualificados. Em geral, a maior parte destes grupos é motivada por melhores condições socioeconômicas apresentadas pelo local de destino (Carvalho, 2008).

Ademais, a migração pode ocorrer tanto internacionalmente como regionalmente. Apesar de necessária a distinção para efeitos legais e de algumas características próprias de cada fenômeno, Renner e Patarra (1980) afirmam que a divisão entre migrações internacionais e nacionais é artificial, uma vez que os motivos que levam as pessoas a migrarem, os grupos de migrantes e as conseqüências sociais são muito semelhantes.

No âmbito internacional, a migração tem deslocado grandes fluxos de pessoas de regiões menos favorecidas para as regiões economicamente mais desenvolvidas. Desta

maneira, Estados Unidos, Europa e Ásia têm sido destino de milhares de africanos, sul-americanos, entre outras populações de países menos desenvolvidos economicamente (Almeida, 1975).

No Brasil, as migrações têm sido fato presente desde o surgimento do país. Desde a época da colonização pelos portugueses, o cenário brasileiro tem sofrido grandes mudanças em sua estrutura populacional e na dinâmica das cidades (Levy, 1974).

A imensidão das terras e a riqueza de recursos naturais foram desde o início fatores atrativos para a exploração do território e imigração por populações estrangeiras. A imigração pelos estrangeiros, sobretudo europeus, africanos, latino-americanos e asiáticos, contribuíram de maneira significativa para o crescimento da população, a evolução e a diversidade cultural existente no país (Carvalho, 2008).

As migrações internas também podem ser consideradas expressivas e não menos importantes para a constituição e desenvolvimento do Brasil. Carvalho (2008) destaca a existência de um grande fluxo de pessoas indo e vindo das mais diversas localidades do país desde os tempos do Brasil Colônia. O seu tamanho, sua diversidade e riqueza cultural, permitem ao Brasil oferecer um amplo leque de oportunidades aos mais variados grupos sociais (Carvalho, 2008).

A migração regional deve ser citada como um importante propulsor da economia nacional. Em meados de 1930, o Brasil sofreu um grande fluxo migratório interno. Tal fato pode ser explicado pela grande expansão industrial na região sudeste do Brasil que motivou populações nordestinas a buscarem melhores condições de vida (Baeninger, 2005).

Na década de 1960, houve outro impacto na migração brasileira com a construção da cidade de Brasília na região centro-oeste. Novamente vários

trabalhadores deixaram suas cidades, em grande parte da região norte e nordeste, atraídos pelas oportunidades na nova capital e na região central do Brasil (Carvalho, 2008).

Segundo, Martine (1994), por volta de 1970, a região amazônica foi foco de medidas políticas, sociais e econômicas do Governo para atrair o pequeno produtor e assim, deslocar o fluxo migratório para a região. Esta fase de ocupação deste território contribuiu de maneira decisiva para uma mudança no modelo populacional no Brasil.

Atualmente, a migração interna ocorre de maneira mais difusa e sem um padrão típico. Diante disto, áreas que eram consideradas destino de migrantes, como sudeste e norte, também são áreas de emigração de pessoal. O Brasil, devido as suas proporções continentais, oferece deslocamentos internos contínuos e com as mesmas e também diferentes motivações do que no passado (Carvalho, 2008). Chaimowicz (1997) afirma que o movimento migratório, especialmente de populações mais jovens, tem influenciado as características populacionais de várias regiões, sobretudo, no que diz respeito à proporção da população idosa e à taxa de natalidade.

Desta forma, esta grande mobilidade interna tem provocado o surgimento de novas configurações demográficas e um impacto nas expressões econômicas, sociais e culturais de cada região (Moré & Queiroz, 2007). Contudo, é importante considerar a migração como um fenômeno complexo e dinâmico, mas, sobretudo importante no estudo das relações estabelecidas entre os fatores econômicos, sociais, culturais e psicológicos.



### **2.3- Migração: aspectos psicológicos e consequências para o indivíduo**

O deslocamento de uma pessoa para outra cidade, estado ou país, exige mudanças e adaptações a este novo contexto. Migrar significa abdicar de toda uma referência de vida que garantia certa identidade, estabilidade e conforto para se adequar aos novos padrões demandados pelo novo ambiente (Nunes, 2002). A migração ao gerar mudanças, reflexões e exigir uma nova estrutura causa transformações na vida daqueles que se deslocam para um novo contexto (DeBiaggi & Paiva, 2004).

Para Shupe (2007) a migração é um processo multidimensional e é vivenciado por uma vasta gama de indivíduos e grupos e tem implicações em várias áreas da vida social, pessoal e profissional. Assim, para os indivíduos, a migração tem se apresentado de maneira bem distinta e sem um padrão definido o que tem levado muitos estudiosos a afirmarem que ainda há poucas conclusões sobre como o processo de migração afeta a saúde emocional e física dos migrantes (Mota, Franco & Motta, 1999). As consequências parecem depender de um conjunto de fatores sociais da cultura de origem, fatores individuais e da cultura hospedeira que já estavam definidos antes da inserção e os que se desenvolvem ao longo do processo de aculturação (Berry, 1997).

DeBiaggi (2005) coaduna com esta mesma ideia destacando que os resultados do contato intercultural são muito complexos uma vez que envolvem aspectos situacionais (históricos e políticos) e aspectos de cada indivíduo. Há ainda que se considerar que há outros mediadores que influenciam de forma significativa o fenômeno e que precisam ser evidenciados para se compreender melhor a dinâmica dos encontros culturais, DeBiggi (2005) cita o fator gênero como um dos mediadores importantes neste processo.

Entre as consequências do contato intercultural para os indivíduos, pode-se citar: mudanças de pensamento (Glovsky & Haslam, 2003), estilos de vida, cultura (Freire & Neto, 1990), valores, identidades, gostos, atitudes e hábitos (Graves, 1967). De maneira geral, a vida de cada indivíduo passa por uma reestruturação que envolve desde os valores pessoais até as rotinas alimentares (Paiva, 2004).

A migração para outra cultura causa nos indivíduos migrantes mudanças que tem origem na maneira de ser, sentir, pensar e agir. A reflexão sobre sua existência, identidade cultural e sobre seus valores são inerentes a este processo (DeBiaggi, 2005). Neste sentido, tudo aquilo que lhe causava familiaridade e pertencimento é questionado, e assim, novas formas de perceber a sua própria cultura e sua maneira de ser precisam ser reconstruídas neste novo universo (Berger & Luckmann, 2002).

Historicamente, vários estudos sobre a migração têm dado especial atenção às consequências negativas da migração, como o sofrimento emocional (Furukawa, 1997), depressão, ansiedade e dificuldade de relacionamento interpessoal (Matsumoto et al., 2001), sintomas psicossomáticos (Shin & Abell, 1999), retorno para a cultura de origem (Montagliani & Giacalone, 1998), problemas de comunicação (Gao & Gudykunst, 1991) e choque cultural (Pederson, 1995).

O contato com uma cultura diferente possibilita, a cada indivíduo, refletir sobre sua própria cultura e identificar, na outra, aspectos que causam conforto ou desconforto para si (Sussman, 2002). Neste momento vários conflitos podem surgir em resposta aos estressores ambientais. É um momento de repensar os limites e buscar redefinir seu papel na sociedade e sua auto-imagem (Pastori, 2006).

O encontro com a diferença demanda de cada indivíduo decidir entre assimilar os novos hábitos, língua e outros costumes ou preservar os de origem. As diferenças e a tomada de decisões causam perturbações na vida destes indivíduos, podendo ser em

nível psicológico, como ansiedade, depressão, raiva, tristeza ou, em nível social, como atitudes ou comportamentos inapropriados (Sussman, 2002).

Desta maneira, os problemas de ajustamento abrangem a relação do imigrante com ele mesmo, dele com os outros, dele com o ambiente e com as atividades próprias da cultura hospedeira (Brein & David, 1971). Assim, Shupe (2007) afirma que a mudança para o novo ambiente é, muitas vezes, acompanhada não apenas de problemas de ordem psicológica, mas também de caráter social, comprometendo o desempenho na escola, no trabalho e nas relações que se estabelece com o novo ambiente.

Seguindo esta linha, o fenômeno de migração têm sido frequentemente relacionado a dois termos, o choque cultural (Oberg, 1960) ou estresse aculturativo, que podem ser definidos pelas respostas fisiológicas e psicológicas negativas apresentadas pelos imigrantes no contato com os símbolos, regras, papéis, relacionamentos, crenças e comportamentos distintos (Sussman, 2000). Da mesma maneira, Berry (1970) relaciona estes dois termos com as consequências negativas ocasionadas pela mudança de cultura. Dentre essas consequências destacam-se a confusão, alterações cognitivas e comportamentais nos migrantes (Oberg, 1960), o estresse psicológico e as dificuldades sociais vivenciadas por cada indivíduo (Berry, 1970). Pereira et al. (2005) acrescentam que o choque cultural é o impacto inicial mais significativo em que os aspectos relacionados à dinâmica familiar, idioma e relacionamentos com a sociedade podem ser prejudicados no momento da inserção cultural.

Berry (1997) assinala ainda que quando as dificuldades e as incapacidades dos indivíduos em lidar com as demandas do novo ambiente se tornam algo freqüente e intenso, causando perturbações e sofrimentos mentais, quadros psicopatológicos podem se instalar nestes indivíduos. Dias e Gonçalves (2007) trazem um dado que corrobora com esta ideia afirmando que os indivíduos migrantes estão mais suscetíveis de adoecer

psicologicamente e desenvolver depressão, esquizofrenia e estresse pós-traumáticos do que a população não sujeita à migração.

Quando se trata de migração internacional, um dos aspectos mais evidenciados pelos estudos é a questão da comunicação. Zimmerman (1995) acentua que a comunicação está no centro dos problemas enfrentados pelos estrangeiros. A fluência no idioma não só implica em entender e fazer-se entendido, mas mais do que isto, estabelece uma relação direta com as chances de desenvolver laços de amizade, se engajar em atividades sociais e criar oportunidades inclusive de trabalho, aspectos essenciais para uma boa saúde mental.

A mudança intercultural envolve também a questão dos valores. Hodge (2000) afirma que no encontro intercultural os valores culturais são aspectos mais resistentes às mudanças do que outros fatores culturais mais superficiais. Uma vez que eles são construídos ao longo da vida desde a infância e que são carregados fortemente por emoções, o questionamento e a rejeição destes valores por outros indivíduos provocam confusão e estranhamento.

Por outro lado, muitos estudos relatam a existência de consequências positivas da migração. Alguns autores defendem que o encontro intercultural pode ocasionar também resultados positivos como: ganho na autoestima e na saúde, aumento da competência de idiomas (Babiker et al., 1980; Kamal & Maruyama, 1990), aumento da autoconfiança e temperamento positivo, aumento da qualidade nas relações interpessoais e redução do estresse (Matsumoto et al., 2001).

Matsumoto et al. (2005) alegam que se o encontro intercultural é percebido como uma boa experiência para o indivíduo, uma relação positiva e de qualidade com a cultura anfitriã pode se estabelecer. Além de proporcionar o desenvolvimento de uma identidade multicultural e ampliar as visões de mundo, o encontro com uma cultura

distinta também pode ser concebido como um facilitador de um processo marcado por novas atividades, interesses e redes sociais.

Contudo, a literatura parece não oferecer dados sistemáticos que comprovem uma relação direta entre migração e estado mental. O migrar em si não se consolida como um fenômeno positivo ou negativo, isto porque vários outros fatores sociais e individuais atuam como mediadores do processo intercultural. Além disto, ao se pensar nas conseqüências da migração é importante considerar se o indivíduo é capaz de construir um papel estável, expressivo e recompensador em seu novo ambiente (Carvalho, 2008) e, se ele busca um equilíbrio entre a nova cultura e a cultura de origem, criando novas possibilidades de bem-estar e satisfação geral com a vida (Sussman, 2002).

#### **2.4- Termos utilizados em referência ao fenômeno intercultural**

Na literatura internacional e nacional, vários termos têm sido empregados para se referirem ao contato intercultural. A confusão de nomenclaturas e definições tem favorecido um ambiente controverso entre os teóricos da área. Muitos dos termos encontrados na literatura têm sido utilizados alternadamente pelos teóricos em menção ao contato intercultural a citar: adaptação transcultural, aculturação (Searle & Ward, 1993), competência intercultural (Fantini, 2006), sensibilidade cultural (Hammer, Bennett & Wiseman, 2003) e ajustamento (Searle & Ward, 1993).

Sinicrope, Norris e Watanabe (2007) relataram a existência de dezenove termos empregados como formas alternativas ao encontro intercultural, os termos mais utilizados são: aculturação, ajustamento, competência cultural, adaptação transcultural, inteligência cultural e sensibilidade cultural. Apesar de serem utilizados alternadamente

pelos estudiosos, estes termos diferem entre si quanto à estrutura e a temporalidade e faz-se necessário apresentar a definição de cada um deles (Sussman, 2000).

O termo *aculturação* é definido por Redfield como um fenômeno resultante do contato de indivíduos de diferentes culturas entre si, ocasionando mudanças nos padrões culturais de ambas as partes (Redfield, 1936 citado por Rudmin, 2003). Berry (1990) aponta que apesar de ser considerado um termo neutro a priori, em que as mudanças tendem a ocorrer em ambos os grupos (imigrante e anfitrião), na prática, as mudanças tendem a serem mais presentes em um grupo do que no outro. Desta maneira, de acordo com Sussman (2000), a *aculturação* deve ser entendida como um processo de mudanças a longo prazo que ocorrem frequentemente no grupo imigrante. Além disto, Berry (1990) acrescenta que podem ocorrer mudanças de *assimilação* (aquisição de aspectos da outra cultura), de *resistência à mudança* em ambos os grupos, *criativa* (criação de novos padrões culturais) e *mudanças tardias* (transformações que ocorrem anos após o contato inicial).

Além disto, Graves (1967) acrescenta que o termo *aculturação* deve ser dividido em *aculturação* e *aculturação psicológica*. Enquanto o primeiro se refere às mudanças que ocorrem na cultura de um grupo, o segundo termo se refere às mudanças psicológicas do indivíduo. A razão para separar as mudanças que ocorrem a nível grupal e individual é que, para este autor, nem todos os indivíduos estão engajados da mesma maneira às mudanças culturais vividos por seu grupo e nem todos sofrem as mesmas transformações, mesmo se referindo a um mesmo ambiente.

Em seu modelo clássico de *aculturação*, Berry e colegas (Berry, Kim, & Boski, 1988) buscaram analisar os estilos de interação dos imigrantes, expatriados e refugiados. Berry descreve dois aspectos que estão envolvidos nas estratégias utilizadas pelos indivíduos ou grupos no processo de *aculturação*. O primeiro é se os

indivíduos mantêm ou não características importantes da cultura de origem e o outro aspecto se refere ao contato e participação ou não dos indivíduos em atividades da cultura distinta. A partir desta definição e distinção surgem quatro possibilidades de estratégias de aculturação. Assim, a primeira estratégia é a assimilação, em o indivíduo opta por não manter a identidade cultural original e escolhe adquirir características da cultura hospedeira. A segunda estratégia é a separação, caracterizada pela busca da manutenção da identidade de origem e não interação com a cultura hospedeira. A terceira estratégia é a integração, marcada pela manutenção da cultura original, mas com a procura de interação e contato com a cultura hospedeira. A última estratégia é marginalização, definida pela pouca manutenção da cultura original e pouco interesse em interagir e adquirir características da cultura anfitriã (Berry, 1997).

Outro termo muito utilizado pelos estudiosos é o ajustamento intercultural que é definido por Sussman (2000) como um processo motivacional em que o imigrante visa modificar seu comportamento e crenças a fim de minimizar os efeitos negativos da migração e potencializar os efeitos positivos. Outros autores definem este processo como uma experiência subjetiva de bem-estar (Matsumoto et al., 2005), aceitação, satisfação (Brislin, 1981) e conforto psicológico experimentado pelos indivíduos a cerca dos vários aspectos do novo ambiente (Oberg, 1960; Nicholson, 1984; Black, 1990). De forma complementar, Matsumoto et al. (2007) trazem ainda que o ajustamento intercultural inclui autoconhecimento, autoestima, estado de humor e saúde.

O ajustamento também pode ser entendido como um fenômeno que antecede o processo de adaptação e envolve aspectos objetivos e subjetivos. Os aspectos subjetivos incluem as emoções, tais como raiva, tristeza e satisfação. Os fatores objetivos do ajustamento compreendem aspectos externos aos indivíduos, como por exemplo, condições de trabalho e moradia (Yoo, Matsumoto & Le Roux, 2006).

Ward (1996) diferencia o ajustamento em ajustamento psicológico e ajustamento sociocultural. O primeiro refere-se ao estado emocional, afetivo, à satisfação geral do indivíduo e ao bem-estar provocado pela experiência intercultural. O ajustamento psicológico é influenciado por características de personalidade, mudanças de vida, suporte social e estilo de enfrentamento. A qualidade do contato que o indivíduo estabelece com a população local interfere no ajustamento psicológico. Já o ajustamento sociocultural está diretamente relacionado à habilidade em lidar com problemas do cotidiano familiar e social (Ward & Kennedy, 1993a; Ward & Searle, 1991). Em um nível cognitivo, o ajustamento sociocultural é a maneira como o indivíduo percebe a nova cultura, em termos comportamentais é como ele estabelece padrões de comunicação e interação com os anfitriões e, em nível psicológico é a confiança e conforto percebidos diante do novo ambiente. O ajustamento sociocultural é influenciado por fatores como conhecimento cultural, tempo de estadia, fluência no idioma e distância cultural. Neste caso, a quantidade de interação é indicador de ajustamento social.

Black e Stephens (1989) distinguem o ajustamento sociocultural em ajustamento ao trabalho (envolve um ajustamento às novas atividades, papéis e ao novo ambiente de trabalho), ajustamento de interação (conforto adquirido ao relacionar-se com os anfitriões dentro ou fora do ambiente de trabalho) e ajustamento geral (refere-se ao ajustamento a fatores diversos da nova cultura, como condições de moradia, alimentação e saúde).

Shupe (2007) afirma que embora os dois tipos de ajustamento (ajustamento psicológico e ajustamento social) sejam teoricamente e empiricamente semelhantes, é importante ressaltar que eles possuem padrões de mudança distintos durante a experiência intercultural. Algumas pesquisas revelam (Ward & Kennedy, 1999) que o



ajustamento sociocultural tende a seguir uma curva de aprendizado com picos no início do contato intercultural seguida de uma queda na curva de aprendizado ao longo do processo. Já o ajustamento psicológico não segue um padrão muito definido, varia ao longo do tempo, mas alguns estudos apontam para o fato de que as dificuldades psicológicas se concentram em grande parte no início do contato intercultural (Ward & Kennedy, 1999).

Outro termo muito utilizado é adaptação, que para Sussman (2000) pode ser conceituado como as conseqüências positivas do processo de ajustamento em que comportamento e crenças foram modificados e que interações sociais foram bem sucedidas. De forma semelhante, Matsumoto et al. (2005) defende a ideia de que este termo está relacionado aos fatores socioculturais e implica em mudanças comportamentais para se acomodar ao novo ambiente cultural. Estas mudanças, de forma espontânea ou por pressões sociais, são necessárias para que o indivíduo consiga atingir os objetivos almejados.

Berry (1997) sugere a existência de três tipos de adaptação: psicológica, sociocultural e econômica. A primeira se refere a uma boa saúde mental, clareza na identidade pessoal e cultural e satisfação pessoal. A segunda está relacionada ao comportamento voltado para o ambiente externo, especialmente nas habilidades de lidar com assuntos referentes ao trabalho, escola e família. Já a adaptação econômica relaciona-se a quanto o trabalho é satisfatório e efetivo na nova cultura (Berry, 1997).

Além destes termos, destacam-se outros três conceitos que são muito utilizados pelos teóricos da área: competência, sensibilidade e inteligência cultural. Competência cultural é definida por Fantini (2006) como um conjunto de habilidades cognitivas e comportamentais necessárias para desempenhar de forma efetiva e apropriada no contato com pessoas de outras culturas. Sensibilidade cultural pode ser conceituada

como a habilidade de saber discriminar e experimentar diferenças culturais relevantes (Hammer et al., 2003). Por fim, inteligência cultural é a capacidade do indivíduo de apresentar, de forma inteligente, comportamentos que se apresentam conectados aos novos valores e crenças (Earley & Ang, 2003).

Em suma, é importante destacar que apesar de os termos citados apresentarem semelhanças, como a habilidade de ir além de sua própria cultura e a capacidade de interagir com pessoas de ambientes linguisticamente e culturalmente diferentes (Sinicrope et al., 2007), é imprescindível que ao se utilizar tais termos se faça uma distinção entre eles já que cada um possui características próprias e desempenham papel diferente no processo de transição cultural (Sussman, 2000).

## **2.5- Determinantes do ajustamento intercultural**

Por volta de 1970, Brein e David (1971) afirmaram haver pouco consenso entre os pesquisadores dos fatores determinantes para uma adaptação cultural bem sucedida. Enquanto alguns autores tinham como foco principal alguns padrões de comportamento, ignorando os antecedentes e fatores de personalidade, outros investigadores, enfatizavam estes últimos aspectos, mas menosprezavam os fatores ambientais e de interação social (Brein & David, 1971).

Ao analisar estudos empíricos realizados nos últimos trinta anos, Paiva (2004) aponta para o fato de que muitos destes estudos sugerem a existência de fatores comuns às pessoas que vivem o fenômeno de aculturação, mas também ressaltam a importância de se reconhecer as diferenças ocorridas em cada indivíduo. Tais diferenças seriam devido às características de cada pessoa e aos fatores culturais, políticos e sociais das sociedades envolvidas (Paiva, 2004).

Berry (1997) diferencia os fatores que influenciam a adaptação cultural em variáveis grupais ou culturais e as variáveis individuais ou psicológicas. Além desta diferenciação, o mesmo autor distingue os fatores existentes antes do encontro intercultural e os aspectos que irão surgir a partir deste encontro.

Em nível cultural, têm-se os fatores pertencentes à sociedade de origem (política, economia e demografia) (Stewart & Leggat, 1998), as características do grupo que está se inserindo na nova cultura (aspectos físicos, biológicos, econômicos, sociais e culturais) e aspectos da cultura hospedeira como atitudes (Berry, 1997) e apoio social (Searle & Ward, 1993; Ward & Kennedy, 1999).

Stewart e Leggat (1998) e Sussman (2002) destacam ainda que as similaridades entre as culturas envolvidas e a abertura social e cultural da sociedade anfitriã para a outra sociedade devem ser considerados ao se compreender a adaptação cultural.

Em nível individual, há vários aspectos que interferem no ajustamento psicológico. Brein e David (1971) defendem que para entender o fenômeno da adaptação intercultural é necessário avaliar as variáveis antecedentes, as características de personalidade, os fatores situacionais e o processo de comunicação entre imigrantes e a cultura local.

Dentre as variáveis individuais presentes antes do processo de aculturação que apresentam forte influência no processo migratório, alguns estudos destacam: idade, gênero, educação, experiência prévia de aculturação, status, motivação, expectativas, (Berry, 1997), a importância da cultura original para cada indivíduo (Sussman, 2002), grau de controle da situação (envolve desde visitas turísticas onde há planejamento de hospedagem, até situações de fuga política em que pouco é escolhido pelo indivíduo), experiências anteriores, independência, tolerância, conhecimento da cultura local, fatores biológicos (como estrutura física, a necessidade de cuidados especiais com a

dieta ou outras condições biológicas), condições de emprego (carreira) (Pereira, Pimentel & Kato, 2005) e religiosidade (Stoll & Johnson, 2007).

Berry (1997) acrescenta ainda que ao se estudar o processo de aculturação é necessário avaliar o quanto o processo foi voluntário ou não e ainda, se foi o indivíduo que se deslocou para outro ambiente ou o ambiente deste indivíduo que recebeu pessoas de culturas diferentes.

Do mesmo modo, o mesmo autor cita aspectos que ocorrem durante o fenômeno intercultural e que são importantes na adaptação: tempo de permanência, estratégias interculturais representadas através das atitudes e comportamentos, enfrentamento e atitudes sociais como preconceito e discriminação (Berry, 1997).

Ward e Kennedy (1999) enfatizam também o conhecimento cultural, a quantidade de interação, identificação com a cultura hospedeira, distância cultural, fluência no idioma como fundamentais durante o processo para o ingresso a um novo ambiente cultural. Eles também fazem referência às mudanças nos eventos da vida e suporte social como determinantes na adaptação intercultural.

Black e Mendenhall (1990) declaram que o ajustamento intercultural é facilitado quando o indivíduo possui conhecimento das normas e dos comportamentos apropriados na cultura anfitriã. Por outro lado, Furnham e Bochner (1986) alertam para o fato de que se os indivíduos apresentam ter consciência das regras sociais na sua sociedade original e não as adquiriram por não serem capazes ou não estarem dispostos a colocá-las em prática, os mesmos reagirão de maneira semelhante no contato com uma nova cultura.

Terry, Pelly, Lalonde e Smith (2006) revelam que dos estudos que têm identificado algumas variáveis individuais como antecedentes de ajustamento cultural,

eles destacam os fatores de personalidade, suporte social e aquisição de habilidades culturalmente adequadas.

A importância das variáveis de personalidade ao se compreender e prever o ajustamento cultural é explicitada em vários estudos (Arthur & Bennett, 1995; Ones & Viswesvaran, 1997; Deller, 1997; Caligiuri, 2000; Van der Zee & Van Oudenhoven, 2000, 2001) e tem sido uma das características individuais mais amplamente aceitas como um dos aspectos mais importantes para se prever ajustamento intercultural (Caligiuri, 2000). Ang, Dyne e Koh, (2006) e Huang, Chi e Lawler (2005) encontraram em seus estudos fortes evidências de que os traços de personalidade desempenham um papel importante no ajustamento intercultural.

Os traços de personalidade podem ser definidos como as características estáveis de como um indivíduo pensa, age e sente (Rose & Subramaniam, 2008). São variáveis psicológicas que orientam o comportamento individual, que por sua vez, servem de guia para os resultados desejados, como por exemplo, a efetividade cultural (Caligiuri, 2000).

Para alguns psicólogos evolucionistas, os traços de personalidade são mecanismos de evolução que os indivíduos desenvolveram a fim de garantir sua sobrevivência e reprodução (Buss, 1991).

Caligiuri (2000) defende que esta teoria evolucionista pode ser empregada para entender o sucesso em situações de migração já que os traços de personalidade permitem que os indivíduos desenvolvam um comportamento adequado às demandas do novo ambiente. Ademais, eles também representam a quantidade e a qualidade de interação com o meio social, aspectos estes essenciais para o processo de adaptação ao novo contexto.

Ones e Viswesvaran (1997) ao realizarem uma revisão de literatura, encontraram 37 estudos empíricos que tinham como objetivo relacionar alguns traços de personalidade com desempenho de expatriados. Alguns dos traços de personalidade estudados nestas pesquisas foram: empatia, sensibilidade, autoestima, autonomia, honestidade, respeito, adaptabilidade, auto-orientação, abertura, curiosidade e autoconfiança (Ones & Viswesvaran, 1997).

Outros estudos têm demonstrado variáveis psicológicas diferentes das anteriormente citadas que apresentam influência significativa no ajustamento intercultural, dentre as mais estudadas pode-se destacar: flexibilidade (Searle & Ward, 1993; Berry, 1997; Ward & Kennedy, 1999; Sussman, 2002; Matsumoto et al., 2005), locus de controle, (Ward & Kennedy, 1993a; Berry, 1997), regulação emocional, criatividade, pensamento crítico (Matsumoto et al., 2005), estilo de enfrentamento baseado na aproximação e humor positivo (Ward & Kennedy, 1999), autoeficácia em geral, eficácia social (Pereira et al., 2005), amabilidade, escrupulosidade (Ang et al., 2006) e extroversão (Armes & Ward, 1988).

Uma destas variáveis que tem sido amplamente explorada é a estabilidade ou regulação emocional, definida como uma estratégia para manter, aumentar ou diminuir componentes emocionais, expressos através dos sentimentos, comportamentos e respostas fisiológicas (Gross, 2001). O Neuroticismo é o oposto da estabilidade ou regulação emocional já que é definido pela expressão de emoções negativas como ansiedade, desamparo, irritabilidade e pessimismo (Pervin & John, 2004).

Huang et al. (2005) sugerem em suas pesquisas que o neuroticismo relaciona-se negativamente com o ajustamento cultural. Para os mesmos autores, pessoas com elevado grau de neuroticismo apresentam dificuldades em conter seu temperamento e,

frequentemente, sentimentos como raiva e ansiedade são responsáveis por criar um ambiente desagradável em várias situações do cotidiano.

Deste modo, a regulação ou controle emocional pode ter influência no ajustamento intercultural à medida que o equilíbrio emocional permite que o indivíduo estabeleça uma melhor qualidade em suas relações interpessoais (Huang et al., 2005). Ang et al. (2006) também coadunam com esta hipótese propondo que a regulação emocional é uma variável que precisa ser considerada dentro deste contexto já que consiste em um traço que sugere saber enfrentar situações novas com mais tranquilidade e paciência e expressar comportamentos mais flexíveis perante situações inusitadas. A evidência que a estabilidade emocional parece ser uma variável preditora importante para o ajustamento intercultural foi demonstrada através de pesquisas realizadas por pesquisadores da área (Mol, Van Oudenhoven & Van der Zee, 2001; Van der Zee, Ali & Haaksma, 2007).

A abertura à experiência ou simplesmente abertura compreende outra característica muito presente nas pesquisas sobre ajustamento intercultural e consiste nos comportamentos exploratórios e de reconhecimento da importância de novas experiências. Este fator engloba traços como a curiosidade, imaginação e originalidade (Costa & Widiger, 1993). No contexto da migração, esta característica está vinculada à crença de que o novo ambiente fornecerá condições para que o indivíduo possa se desenvolver e aprender (Caligiuri, 2000). O indivíduo que possui elevado grau nesta dimensão, ao inserir numa outra cultura demonstra interesse em aprender sobre o novo ambiente e evita que estereótipos e falsas expectativas guiem sua nova experiência, (Huang et al., 2005), são curiosos e buscam estratégias ao interagir com outras pessoas e outros ambientes (Ang et al., 2006).

Este fato tem sido comprovado em pesquisas anteriores e demonstrado que o fator abertura tem se apresentado como uma variável preditora de ajustamento intercultural (Dicken, 1969; Caligiuri, 2000; Van der Zee et al., 2007). Em um estudo com estadunidenses residindo em Taiwan, Huang e colegas demonstraram que a variável abertura obteve correlação positiva com ajustamento ao ambiente em geral (Huang et al., 2005). Em outra pesquisa, Ang et al. (2006) também encontraram fortes evidências de que o fator abertura relaciona-se positivamente com aspectos da inteligência cultural (metacognitivo, motivacional, cognitivo e comportamental).

Além da regulação emocional e da abertura, a flexibilidade tem sido constantemente incluída como possível antecedente do ajustamento cultural e pode ser definida como a habilidade de adaptar o comportamento a situações novas (Herfst, Van Oudenhoven, & Timmerman, 2008). Em se tratando de ajustamento intercultural, a flexibilidade tem sido citada como uma variável importante para alcance da efetividade intercultural por pressupor uma capacidade de mudança às demandas ambientais e um aprendizado a partir de experiências fracassadas ou bem sucedidas (Spreitzer & McCall, 1997). De forma semelhante, dentro deste contexto, é importante que os indivíduos não sintam medo ou receio de interagir com os aspectos que não são familiares a eles, pelo contrário, eles devem procurar conhecê-los e encará-los como um desafio (Van der Zee, et al., 2007).

Outro fator estudado é a escrupulosidade que agrupa traços ou características de personalidade que levam a confiança, responsabilidade e eficiência (Gellatly, 1996). Ang et al. (2006) sugeriram que indivíduos com altos escores em escrupulosidade apresentariam um bom desempenho em situações de contato intercultural à medida que eles são mais disciplinados, persistentes e buscam planejar a interação com o novo ambiente. Os resultados de pesquisas realizadas por estes mesmos autores confirmam a



hipótese inicial de que o fator escrupulosidade é positivamente correlacionado com os aspectos metacognitivos da inteligência cultural (Ang et al., 2006).

A extroversão também tem sido avaliada como possível determinante para um ajustamento intercultural bem sucedido. A extroversão pode ser definida pela quantidade de interações interpessoais, é a característica da pessoa comunicativa, assertiva, sociável, ativa e expressiva (Costa & Widiger, 1993). Dentro do cenário da migração, Ang et al. (2006) afirmam que a extroversão pressupõe um indivíduo que tentará se envolver com o ambiente de forma ativa e buscará questionar sobre aspectos desconhecidos. A partir desta concepção, eles sugerem uma relação positiva entre extroversão e os aspectos comportamentais e motivacionais da inteligência cultural. Armes e Ward (1988) relataram em seus estudos evidências de que extroversão estaria relacionada a um melhor ajustamento e Caligiuri (2000) encontrou relação entre elevado desempenho no trabalho de expatriados e extroversão.

Outra variável de destaque dentro deste contexto de migração é a amabilidade ou socialização. Este traço refere-se a comportamentos socialmente agradáveis e de cooperação. Pessoas com alto grau de amabilidade são amigáveis, altruístas, atenciosas, amorosas e fornecem apoio emocional (Digman, 1990). Em se tratando de uma situação de mudança cultural, Ang et al. (2006) propõem em um de seus estudos que este é um fator de grande influência no desempenho individual uma vez que este traço implica na avaliação e expressão de comportamentos verbais e não-verbais adequados a cada situação, condições necessárias no contato interpessoal. Eles confirmaram esta ideia inicial em uma de suas pesquisas ao encontrar uma correlação positiva entre amabilidade e o aspecto comportamental da inteligência cultural.

Além das características citadas anteriormente, uma outra que merece ser ressaltada dentro deste cenário de migração é o pensamento crítico, variável que

abrange uma reflexão sobre as experiências na nova cultura e na geração de um novo conjunto de ideias sobre si mesmo (Matsumoto et al., 2001).

Algumas variáveis têm sido correlacionadas negativamente com o ajustamento intercultural, dentre elas destacam-se o autoritarismo, rigidez e etnocentrismo (Church, 1982).

Para Palthe (2004), ao considerar o ajustamento intercultural como um fenômeno multifacetado, presume-se que os vários antecedentes descritos anteriormente causam diferentes graus de impacto em cada aspecto do ajustamento (ajustamento geral, de interação e de trabalho, Black & Stephens, 1989; psicológico ou social, Ward, 1996).

Baseado nestes achados da literatura, Matsumoto et al. (2003) optaram por avaliar as variáveis preditoras do ajustamento psicológico e defendem a ideia de que algumas habilidades psicológicas, como flexibilidade, regulação emocional, pensamento crítico ou criatividade e abertura à novas experiências, são determinantes ao se pensar o ajustamento intercultural.

Matsumoto et al. (2003) analisam o fenômeno intercultural a partir de uma abordagem do estresse e do enfrentamento. Os mesmos autores acreditam que o processo de migração a uma nova cultura é um evento que abrange situações estressantes que requerem um conjunto de habilidades psicológicas para enfrentar os novos desafios impostos pela cultura anfitriã.

Assim, com a finalidade de facilitar a adaptação a uma cultura distinta, um grande número de pessoas vê a necessidade de aprender uma nova língua, novos costumes e um novo repertório de comportamentos. Como consequência, a aquisição de novas atitudes, identidades e estratégias são requeridas a fim de atender às novas necessidades (Berry, 1997). Além de novos comportamentos, Berry (1992) aponta para

o fato de que alguns comportamentos devem ser desaprendidos caso não sejam adaptativos ou adequados para o novo contexto.

Logo, o desenvolvimento ou melhoria destas habilidades se faz necessário a fim de minimizar o efeito do conflito e do estresse, muitas vezes inevitáveis no processo de ajustamento intercultural. Tais habilidades são primordiais para que o indivíduo se engaje na assimilação de novos esquemas de interação cultural, comportamental e cognitiva. Como efeito desta expansão de repertório de respostas, formas positivas e construtivas de lidar com o novo ambiente podem ser desenvolvidas (Matsumoto et al., 2001).

## **2.6- Teorias e métodos de avaliação do ajustamento intercultural**

Compreender e avaliar o desempenho de indivíduos em contextos culturais diferentes tem sido interesse de diversos estudiosos no mundo inteiro há várias décadas. O cenário teórico e metodológico em torno da temática, tem sido caracterizado por divergências conceituais devido à própria natureza complexa e multidimensional do fenômeno em estudo (Ruben, 1989).

A partir de 1900, vários cientistas começaram a desenvolver teorias sobre o encontro intercultural, sendo a maioria dos estudos feitos por sociólogos (Abraído-Lanza, Armbrister, Flórez, & Aguirre, 2006), pesquisadores da área da educação, antropólogos e psicólogos (Shupe, 2007).

Rudmin (2003) destaca como um dos primeiros psicólogos a estudar a temática o teórico G. Stanley Hall em 1904. De acordo com este autor, o processo de aprendizado e assimilação de uma cultura diferente se dá de forma semelhante ao processo de aquisição da cultura original (Rudmin, 2003).

Mas a primeira teoria sólida sobre o tema entre os profissionais da psicologia foi divulgada em 1918 por Thomas e Znaniecki (Rudmin, 2003). Tais autores definiram tipos de aculturação ou estratégias de interação com a sociedade anfitriã baseados em diferenças de personalidade relacionadas em duas dimensões biológicas: o medo e a curiosidade. Eles também foram os precursores da concepção muito empregada pelos teóricos da área de tratar o fenômeno da aculturação como uma questão de acrescentar ou subtrair aspectos culturais, podendo ocasionar na manutenção ou abandono de aspectos culturais das comunidades minoritárias (Rudmin, 2003).

De acordo com Rudmin (2003), entre 1918 e 1984, 68 estudos demonstraram resultados inconsistentes e conflitantes a respeito do assunto. Dentre os problemas mais encontrados, ele cita análises estatísticas incorretas, pobreza psicométrica e excessivo foco nos grupos minoritários.

Entre 1950 e 1970, houve uma ampla repercussão do tema devido a uma grande parcela de profissionais ocidentais que se encontravam no exterior em busca de uma nova oportunidade de trabalho. As falhas na comunicação e os problemas de relacionamento entre os indivíduos culturalmente distintos foram um dos fatores que mobilizaram os pesquisadores a desenvolverem instrumentos e modelos para entender e avaliar o comportamento individual em um processo de migração (Sinicrope et al., 2007).

Em meados de 1970 e 1980, os estudos da área passaram a investigar não somente trabalhadores ocidentais no exterior, mas também estudantes, empresários internacionais, intercambistas, estrangeiros que fixaram residência no exterior, entre outros grupos de imigrantes e expatriados de várias partes do mundo (Sinicrope et al., 2007).

A partir das décadas de 1980 e 1990, Rickard (1994) assinala para um aumento expressivo do tema no cenário mundial. Este aumento é atribuído à intensificação do contato entre os povos provocado pela propagação da tecnologia, da abertura econômica para produtos e serviços estrangeiros. Além destes fatores, Sam e Berry (2006) citam a guerra, a pobreza e a fome como desencadeadores de migrações.

No Brasil, estudos nessa área surgiram por volta de 1960 e 1970 com a influência de pesquisadores estadunidenses e europeus (Paiva, 2004). Entretanto, a partir dos anos 90, o tema teve maior repercussão entre os psicólogos brasileiros devido à aceleração dos processos migratórios no Brasil, resultado de uma relativa estabilidade política e ao grande potencial econômico apresentado pelo país (Sarriera et al., 2005).

Os estudos brasileiros sobre o assunto foram conduzidos por duas correntes na psicologia: a Psicologia Intercultural e a Antropologia Psicológica. Enquanto a primeira enfatiza os aspectos culturais e os microfenômenos, como percepção, personalidade, a segunda vertente se interessa mais pelos aspectos macro, como os aspectos sociais e instituições (DeBiaggi & Paiva, 2004).

Outrossim, várias foram as maneiras encontradas pelos pesquisadores para entender e avaliar as atitudes, personalidades, valores e motivações pessoais destes grupos. Através de relatórios pessoais, pesquisas de opiniões e entrevistas abertas, os pesquisadores têm buscado conhecer mais sobre o fenômeno e os comportamentos individuais na situação de contato intercultural (Sinicrope et al., 2007).

Em 1980, verificou-se que a pluralidade de assuntos e formas de avaliação do fenômeno ainda persistia (Ruben, 1989). Assim, os estudos que investigavam este fenômeno tinham como temas: “curvas de ajustamento, choque cultural, tipologias e características de personalidade, história, fatores situacionais e interação social” (Brein & David, 1971, p 216).

Sarriera et al. (2005) também apontam como assuntos mais pesquisados nas últimas décadas: “preferência pelo uso do idioma, afiliação nacional, hábitos de vida, tradições culturais, estilo de comunicação, identidade cultural, percepção de discriminação, status de gênero, socialização familiar e cultura/valores” (Sarriera et al., p. 76). Os mesmos autores mencionam ainda que os aspectos psicológicos da aculturação têm sido pouco abordados em comparação aos aspectos sociais (Sarriera et al., 2005).

Para Rudmin (2003) é importante que os pesquisadores procurem entender as teorias, métodos e nomenclaturas que eles optaram por usar em seus estudos e somente após esta avaliação e compreensão dos aspectos conceituais e metodológicos do fenômeno a ser estudado, eles devem agir com responsabilidade e buscar manter uma conexão com a literatura.

#### **2.6.1-Modelos de ajustamento, sensibilidade e competência intercultural**

Os estudos sobre ajustamento, competência ou sensibilidade cultural geralmente partem de uma de três abordagens mais amplamente divulgadas na área (Shupe, 2007). Uma das vertentes examina as conseqüências de viver em uma cultura distinta considerando o ajustamento como uma variável independente e preditiva. Esta abordagem busca trabalhar com as mudanças de vida, frequentemente negativas, que acompanham o processo de aculturação. Temas como estresse e enfrentamento são bastante comuns nos trabalhos divulgados por esta corrente.

O trabalho desenvolvido por Ward e colegas (Ward & Searle, 1991; Ward & Kennedy, 1993b) é um dos mais representativos desta abordagem. Em seus estudos, esta

equipe identificou e descreveu dois tipos de ajustamento: o ajustamento psicológico e o ajustamento social descritos anteriormente. T777

Uma segunda abordagem considera o ajustamento como uma variável dependente ou variável critério e busca avaliar os fatores que podem predizer uma adaptação bem sucedida. Para os defensores desta abordagem, existe uma série de variáveis que predizem ajustamento intercultural: suporte social e auto-eficácia (Tsang, 2001), comunicação competente (Zimmerman, 1995), interação com os anfitriões (Tsang, 2001) e fatores de personalidade (Shupe, 2007).

Um exemplo desta abordagem é encontrado nas publicações de Ruben (1976). Para este autor, para entender e analisar o comportamento de indivíduos em contextos culturais diferentes é necessário avaliar a habilidade de um indivíduo em exibir comportamentos ao invés de intenções, desejos, conhecimentos ou atitudes. Desta forma, o mesmo autor acrescenta que para mensurar a competência cultural seria necessário observar o comportamento individual em situações similares a que eles iriam encontrar em um ambiente culturalmente distinto. Baseado nos achados da literatura, Ruben (1976) identificou sete dimensões da competência cultural: demonstrar respeito, postura interativa, orientação para o conhecimento, empatia, comportamento auto-orientado, gerenciar a interação e tolerância para a ambigüidade.

No cenário europeu, Byram (1997) desenvolveu um modelo mais voltado para a comunicação intercultural competente. Este modelo sugeria a presença de cinco fatores: atitude, conhecimento, habilidade em interpretar e relatar eventos e documentos, habilidade de descobrir e interagir e consciência crítica cultural. Mais tarde, Risager (2007) ampliou os conceitos deste primeiro modelo e incluiu alguns elementos linguísticos que ela defendia como recursos individuais importantes para uma comunicação intercultural eficaz.

Arasaratnam e Doerfel (2005) apresentaram um modelo também voltado para a comunicação intercultural competente e que, ao invés fatores, enfatizaram os temas e conceitos emergidos de entrevistas com estudantes estadunidenses e estrangeiros culturalmente competentes. A análise das entrevistas resultou em dez dimensões da comunicação intercultural competente: heterogeneidade, transmissão, orientação para o outro, observador, motivação, sensibilidade, respeito, relacional, investimento e adequação. Apesar deste modelo não resultar em nenhum método de avaliação, Sinicrope et al. (2007) afirmam que é uma abordagem que merece destaque por provocar uma discussão sobre as bases da competência cultural e permitir a criação de instrumentos de avaliação no futuro.

Ainda dentro desta perspectiva, destaca-se o trabalho realizado por Matsumoto e colegas (Matsumoto et al., 2003) que consideram algumas habilidades psicológicas (regulação emocional, abertura, flexibilidade e pensamento crítico) como necessárias para manejar o conflito e o estresse muitas vezes inevitáveis no processo de inserção a uma nova cultura.

Por fim, um terceiro grupo de pesquisadores tem desenvolvido estudos que descrevem a dinâmica do ajustamento. Baseado em uma abordagem de aprendizado, estes estudiosos consideram a aquisição de habilidades e conhecimentos como fator precursor de um melhor ajustamento. A partir desta perspectiva, os teóricos desta abordagem descrevem, a partir de curvas de ajustamento, as fases do processo de interação intercultural (Shupe, 2007). Um dos modelos mais conhecidos é o modelo chamado *U- curve* (Oberg, 1960). De acordo com esta teoria, a fase inicial do processo de ajustamento intercultural é caracterizada por excitação, pouca dificuldade e sofrimento. Após esta fase, as dificuldades aparecem com maior frequência e o indivíduo pode apresentar momentos de crise, solidão e infelicidade. A última fase é



quando o indivíduo supera a crise da fase anterior e demonstra relativa alegria e bem-estar e mostra-se estar integrado à nova sociedade (Oberg, 1960).

Black e Mendenhall (1990) realizaram uma revisão empírica da chamada *U-Curve Adjustment Theory* (UCT) e sugeriram a existência de quatro fases no ajustamento cultural: a) Lua-de-mel- marcada pelo deslumbre à nova cultura; b) Choque cultural- desilusão e frustração ao lidar com o cotidiano na nova cultura; c) Ajustamento- adaptação gradual à nova cultura, d) Maestria- acréscimos na habilidade do indivíduo em lidar com a nova cultura. Após vários estudos, os autores concluíram não existir evidências empíricas que suportem o modelo e afirmaram que nem todos os indivíduos seguem as fases determinadas pela UCT.

Outro exemplo desta terceira abordagem é o *Developmental Model of Intercultural Sensitivity* (DMIS). Criado por Milton Bennett (1986) nos Estados Unidos, este modelo visa explicar a sensibilidade cultural em seis estágios: 3 estágios etnocêntricos (a cultura do indivíduo como centro da visão de mundo) 1- negação, 2- defesa, 3- minimização e três estágios de relatividade cultural (a cultura de um indivíduo é uma das muitas visões de mundo igualmente válidas) 4- aceitação, 5- adaptação e 6- integração. Os seis estágios compreendem um continuum que abrangem comportamentos menos ao mais competente culturalmente, e busca retratar a dinâmica do desenvolvimento da competência cultural.

Contudo, os diversos modelos de adaptação, ajustamento, competência e sensibilidade intercultural apresentam uma série de definições, teorias e metodologias. Enquanto alguns modelos enfatizam as conseqüências do contato intercultural, outros focam em aspectos da comunicação intercultural competente, outros procuram compreender a dinâmica do processo de inserção intercultural e por fim, alguns buscam identificar os antecedentes da adaptação. Grande parte destes modelos serviu

de base para a construção de instrumentos de avaliação do desempenho individual no contexto da migração. Alguns destes instrumentos serão descritos a seguir.

### **2.6.2- Instrumentos de ajustamento, competência e sensibilidade intercultural**

Como forma de avaliar a sensibilidade, inteligência, competência e ajustamentos interculturais vários instrumentos foram construídos com diferentes orientações e finalidades. Ruben (1989) explica que grande parte destes instrumentos surgiu para atender aos seguintes motivos: explicar o fracasso de profissionais no exterior, prever sucesso no exterior, desenvolver estratégias de seleção e programar e testar treinamentos com estrangeiros. Estas ferramentas tinham como população alvo empresários expatriados, mais tarde, devido à globalização e a grande repercussão do tema, foram criados instrumentos com objetivos e com populações bem variados.

Como consequência desta expansão, vários instrumentos têm surgido com o intuito de investigar o fenômeno sob uma visão da psicopatologia e da psicossomática (Furnham & Bochner, 1986). Além dos objetivos diversos, os instrumentos também diferem quanto aos construtos a serem avaliados. Vários instrumentos são designados para medir preditores ou antecedentes, como por exemplo, traços de personalidade. Outros estudos têm investigado outros fatores como habilidades no idioma ou familiaridade com a cultura anfitriã e aspectos demográficos (Matsumoto et al., 2001).

Para Haslberger (2005) existem duas maneiras de se avaliar a adaptação cultural. Uma delas é através de um ponto de vista externo, realizado através da observação comportamental feita pelos anfitriões ou por pesquisadores. Outra maneira é por meio de um ponto de vista interno, ou seja, através da avaliação dos estados afetivos e cognitivos do testando. A avaliação direta das emoções e cognições humanas esbarra

em uma série de questões éticas e práticas. Assim, pesquisadores do mundo inteiro optam por avaliar de maneira indireta tais construtos psicológicos através de relatos verbais ou instrumento autoaplicáveis.

Dentre os instrumentos existentes atualmente, Matsumoto, LeRoux, Bernhard e Heather (2004, p. 282) citam:

O *Cross-Cultural Adaptability Inventory* (CCAI) (Goldstein & Smith, 1999; Kelley & Meyers, 1995; Montagliani & Giacalone, 1998), o *Multicultural Personality Questionnaire* (MPQ) (Moi, Van Oudenhoven, & Van der Zee, 2001; Van der Zee & Van Oudenhoven, 2000, 2001; Van der Zee, Zaal, & Piekstra, 2003; Van Oudenhoven, Mol, & Van der Zee, 2003; Van Oudenhoven & Van der Zee, 2002), o *Intercultural Development Inventory* (IDI) (Altshuler, Sussman, & Kachur, 2003; Hammer, 1998; Hammer et al., 2003; Paige, Jacobs-Cassuto, & Yershova, 2003; Straffon, 2003) e o *Intercultural Sensitivity Inventory* (ISI) (Bhawuk, 1998; Bhawuk & Brislin, 1993).

O *Behavioral Assessment Scale for Intercultural Competence* (BASIC) foi criado por Ruben e colegas (Ruben & Kealey, 1979) para avaliar a competência cultural. Este instrumento corresponde a uma escala de 4 e 5 pontos na escala Likert e objetiva avaliar os comportamentos individuais em sete dimensões: demonstrar respeito, postura de respeito, orientação para o conhecimento, empatia, comportamento de auto-orientação, gerenciamento da interação e tolerância para ambiguidade. Após esta versão inicial, Ruben e Kealey (1979) ampliaram este modelo para uma versão com nove dimensões, dividindo a dimensão do comportamento de auto-orientação em três outras dimensões distintas: papéis relacionados à tarefa, papéis relacionais, papéis individualistas.

O *Intercultural Competence Assesment* (INCA) foi desenvolvido através do modelo de Byram (1997) de comunicação intercultural competente. Esta ferramenta de

avaliação consiste em duas dimensões, uma para o avaliador e outra para o avaliado com três níveis de habilidades cada: básico, intermediário e completo. Sob o ponto de vista do avaliador, o modelo apresenta seis dimensões: tolerância para ambigüidade, flexibilidade comportamental, consciência comunicativa, descoberta do conhecimento, respeito para com o outro e empatia. Já sob o ponto de vista do examinando o modelo apresenta três dimensões: abertura, conhecimento e adaptação. Este modelo serviu como base para outros instrumentos de avaliação como o *Intercultural Sensitivity Index* (Olson & Kroeger, 2001) e o *Assessment of Intercultural Competence* (Fantini, 2006).

O *The Assessment of Intercultural Competence* (AIC) foi construído por Fantini (2006) que buscou na definição de competência cultural os parâmetros para a construção do instrumento. A partir desta definição, foram especificados os componentes da competência intercultural: características da competência intercultural, domínios da competência intercultural (relacionamentos, comunicação e colaboração), dimensões da competência intercultural (conhecimentos, atitude, habilidades e consciência), proficiência lingüística e nível de desenvolvimento.

O *Intercultural Sensitivity Inventory* (ICSI) é um instrumento que foi criado por Bhawuk e Brislin (1992) com o objetivo de medir as habilidades individuais ao modificar o comportamento de maneira culturalmente adequada na inserção em um novo contexto cultural. Dois componentes foram utilizados para avaliar estas habilidades: individualismo e coletivismo, e, flexibilidade e abertura.

Como forma de operacionalizar os construtos teóricos do *Developmental Model of Intercultural Sensitivity* (DMIS) um instrumento foi criado por Mitchell Hammer (1998) – o *Intercultural Development Inventory* (IDI) que avalia a competência intercultural, que é definida pelos autores como a habilidade de pensar e agir

culturalmente de maneira apropriada. O IDI avalia como a pessoa sente e pensa sobre a diversidade cultural e busca identificar em qual de cinco dos seis estágios da DMIS o indivíduo se encontra: 1- negação, 2- defesa, 3- minimização, 4- aceitação, 5- adaptação e 6- integração.

O *Intercultural Sensitivity Index* (ISI) foi desenvolvido por Olson e Kroeger (2001) para medir as competências globais e a sensibilidade intercultural dos indivíduos e como tais aspectos se relacionam com a eficácia individual e experiência no exterior. Os autores se basearam nos seis estágios do *Developmental Model of Intercultural Sensitivity* (DMIS) (Bennet, 1986) (negação, defesa, minimização, aceitação, adaptação e integração), mas também definiram alguns componentes do que eles denominam de competência global: conhecimento substantivo (conhecimento de culturas, idiomas, questões mundiais, entre outros conhecimentos), entendimento perceptivo (abertura, flexibilidade e resistência aos estereótipos) e comunicação intercultural (habilidades como adaptação, empatia e mediação cultural).

Na área de comunicação intercultural competente, pode-se citar o *Intercultural Sensitivity Scale* (ISS) construído por Chen e Starosta (2000). Estes mesmo autores indicaram a sensibilidade intercultural como dimensão afetiva da comunicação intercultural e propuseram a existência de seis elementos: auto-estima, auto-monitoramento, abertura, empatia, envolvimento de interação e não julgamento. Após esta exploração inicial dos elementos da sensibilidade intercultural, a escala *Intercultural Sensitivity Scale* (ISS) foi desenvolvida com 24 itens e cinco fatores: engajamento de interação, respeito por diferenças culturais, confiança de interação, prazer de interação e atenção de interação.

O *Cultural Intelligence* (CQ) também é outro instrumento focado na inteligência cultural. O CQ possui quatro fatores: inteligência cultural metacognitiva (nível

individual de consciência cultural durante a interação transcultural), inteligência cultural cognitiva (refere-se ao conhecimento de normas, práticas e convenções em diferentes culturas que tem sido adquirido através de experiências pessoais e educacionais), inteligência cultural motivacional (capacidade de direcionar energia e atenção para o aprendizado e funcionamento em situações caracterizadas pelas diferenças culturais) e inteligência cultural comportamental (capacidade de exibir ações verbais e não-verbais apropriadas na interação com indivíduos de culturas diferentes) (Ang et al., 2006).

Já o *Cross-Cultural Adaptability Inventory* (CCAI), foi designado para apresentar informações a um indivíduo a cerca de seu potencial de eficácia intercultural. Criado por Kelley e Meyers (1995), este instrumento objetiva auxiliar os indivíduos a identificar seus pontos fortes e fracos em um processo de adaptação intercultural. Para os autores, existem quatro áreas que presumem sucesso da adaptação intercultural: resiliência emocional, flexibilidade e abertura, acuidade perceptiva e autonomia pessoal. O CCAI parte do pressuposto de que há aspectos universais que estariam envolvidos no processo de ajustamento intercultural.

Numa perspectiva distinta, Koltko-Rivera (2000) desenvolveram um instrumento chamado *The Worldview Assessment Instrument* (WAI) que busca avaliar as visões de mundo e o sistema de crenças que são relevantes para o aconselhamento e psicoterapia. As dimensões avaliadas são: crenças, agência, locus de responsabilidade, relação com autoridade, relação com o grupo e metafísica.

Para avaliar a efetividade cultural individual, Van der Zee e Van Oudenhoven (2000) criaram o *The Multicultural Personality Questionnaire* (MPQ). Esta medida foi designada para avaliar o comportamento de indivíduos no contato com pessoas de diferentes culturas e predizer se tais indivíduos apresentarão facilidade em se ajustar e sentir-se confortável com o novo contexto cultural. O instrumento apresenta sete

fatores: empatia cultural, abertura, estabilidade emocional, orientação para a ação, aventura- curiosidade, flexibilidade e extroversão. Esta escala tem sido muito utilizada como uma ferramenta de diagnóstico para selecionar profissionais expatriados (Van der Zee & Van Oudenhoven, 2000).

Em suma, o aumento expressivo dos estudos que se propõem a criar um modelo ou uma ferramenta de avaliação sobre os encontros interculturais tem evidenciado a repercussão do tema entre os teóricos nos últimos vinte anos. Como consequência desta expansão, vários modelos e instrumentos têm sido construídos em busca de uma clarificação sobre o tema e como forma de proporcionar aos pesquisadores formas de se avaliar o fenômeno em questão (Hechanova, Beehr, & Christiansen, 2003).

Entretanto, é importante ressaltar que o campo teórico ainda permanece com muitas lacunas que precisam ser verificadas em pesquisas futuras. Sodowsky, Lai, e Plake (1991) assinalam para o fato de que grande parte dos modelos existentes de competência, inteligência, sensibilidade, adaptação ou ajustamento cultural é desenvolvida por meio de um estudo apenas ou com pouco acompanhamento após o primeiro estudo. Isto significa que uma das falhas nos modelos de migração é que são realizados poucos estudos longitudinais (Hechanova et al., 2003). Em uma revisão realizada por Caligiuri, Hyland, Joshi e Bross (1998) a partir de 37 estudos com o tema de migração, os mesmos autores constataram a existência de apenas três estudos longitudinais. Por se tratar de um fenômeno dinâmico e complexo, a migração poderia ser mais bem explorada em estudos longitudinais que tem como objetivo verificar os efeitos das variáveis ao longo do processo e não apenas em um momento (Hechanova et al., 2003).

Outra observação a ser considerada é que muitas pesquisas tem sido delineadas para avaliar determinados grupos, a citar grupos minoritários residentes nos Estados

Unidos ou Europa, sendo que populações da África, Ásia e América do Sul têm sido pouco exploradas (Berry, 1997).

Além disto, muitos estudos têm como foco principal a seleção e treinamento de executivos expatriados ou os aspectos acadêmicos e de interação social que envolvem os estudantes de intercâmbio. Pouco tem sido feito sobre os processos e mecanismos que envolvem os migrantes no ajustamento não apenas no que diz respeito ao desempenho acadêmico ou no trabalho, mas aos vários aspectos que envolvem o dia-a-dia dos indivíduos e suas famílias (Tung, 1998).

Contudo, para Sinicrope et al. (2007), o campo teórico e metodológico em torno do assunto precisa ser mais bem explorado em futuras pesquisas a fim de proporcionar modelos e instrumentos de avaliação fidedignos e confiáveis para o universo de pesquisadores. Como consequência desta expansão da temática no cenário mundial, há uma preocupação em se compreender não apenas o comportamento de estudantes de intercâmbio ou executivos expatriados, mas também em refletir e avaliar o comportamento cultural dos cidadãos em geral, além de suas habilidades e suas potencialidades (Sinicrope et al., 2007).

## **2.7- ICAPS – *Intercultural Adjustment Potential Scale***

A *Intercultural Adjustment Potencial Scale* (ICAPS) foi desenvolvida por Matsumoto et al. (2001) com o objetivo de mensurar de maneira válida e confiável o grau de dificuldade de uma pessoa ao se ajustar em uma nova cultura (Matsumoto & LeRoux, 2006). Em seus trabalhos, estes autores optaram por focar nos aspectos referentes à psicologia social do ajustamento intercultural (Matsumoto et al., 2001). Esta equipe de pesquisadores partiu da literatura sobre estresse e enfrentamento para



desenvolver a escala ICAPS. Esta teoria, além de enfatizar a importância dos grandes eventos de vida na saúde mental dos indivíduos, também considera que os eventos cotidianos acarretam consequências positivas e negativas para o bem-estar e os relacionamentos dos indivíduos. Esta concepção se torna muito mais evidente ao se tratar de encontros interculturais em que o cotidiano dos imigrantes é repleto de conflitos e ambigüidades. Além disto, assim como na literatura de estresse e enfrentamento, a emoção desempenha um papel primordial no ajustamento intercultural. Os mesmos autores recorrem a Tomkins (1963) ao utilizar a definição de emoção em seus trabalhos. Para este último, a emoção é a base de motivação para qualquer comportamento, sendo assim, para compreender o comportamento de uma determinada pessoa faz-se necessário entender as suas emoções (Tomkins, 1963). A partir desta perspectiva, Matsumoto et al. (2001) buscaram adotar um modelo de ajustamento intercultural em que o controle das emoções e outras habilidades psicológicas (pensamento crítico, flexibilidade e abertura) desempenham papéis determinantes para um ajustamento intercultural bem sucedido.

Partindo destes pressupostos, os mesmos autores deram início à criação da escala com a realização de grupos focais estruturados com japoneses residentes nos Estados Unidos com a finalidade de identificar os principais conflitos e problemas interculturais enfrentados por este grupo em seu cotidiano. Vários temas emergiram destes encontros e uma análise empírica foi realizada para incluir ou não temas relacionados à adaptação intercultural (Matsumoto et al., 2001).

Muitos destes temas também partiram de análises de vários inventários de personalidade com o intuito de extrair construtos psicológicos relacionados ao tema de adaptação intercultural que eles julgaram ser relevantes como: regulação emocional, pensamento crítico, abertura, flexibilidade, segurança interpessoal, comprometimento

emocional com a maneira tradicional de pensar, tolerância à ambiguidade e empatia. Os instrumentos analisados foram: o *Eysenck Personality Inventory* (EPI), o *Beck Depression Inventory* (BDI), *State-Trait Anxiety Inventory* (STAI), *Bem Sex Role Inventory* (BSRI), o original *Minnesota Multiphasic Personality Inventory* (MMPI), o *California Personality Inventory* (CPI), o *NEO Personality Inventory* (NEO-PI), o *Big 5 Personality Inventory* (BFI), o *California F-Scale*, e o *Interpersonal Reactivity Index*. Assim, foram incluídos itens relacionados ao *The Big Five Inventory* (BFI), vários tipos de psicopatologia, estilo interpessoal, motivação para o trabalho e individualismo versus coletivismo (Matsumoto et al., 2001).

A partir das análises realizadas nos dois momentos, foram elaborados 193 itens que buscaram abranger habilidades presumidas como necessárias aos indivíduos para lidar com o conflito e estresse do processo de inserção a um novo contexto cultural. Foi utilizado o coeficiente de correlação de Pearson para excluir os itens que apresentassem pouca correlação entre si. Assim, 40 itens foram excluídos nesta fase (Matsumoto et al., 2001)

Em um segundo momento, os autores buscaram correlacionar os 153 itens resultantes do primeiro estudo com a proficiência no idioma (inglês), problemas específicos encontrados na adaptação ao novo contexto e das dificuldades individuais observadas nos grupos focais em ajustar à vida nos Estados Unidos. Esta fase levou à redução para 55 itens em que foram descartados os itens com baixa correlação com o critério empírico (Matsumoto et al., 2005).

Em seguida, foi realizada a análise fatorial do instrumento que sugeriu a presença de quatro fatores significantes que os autores (Matsumoto et al., 2001) nomearam de:

1. Regulação Emocional (*Emotional Regulation*): habilidade de monitorar e manejar as expressões e experiências emocionais e engajar em pensamentos claros sobre os incidentes interculturais sem recorrer a defesas psicológicas;

2. Abertura à experiência (*Openness to Experience*): abertura a novas experiências, emoções e pensamento;

3. Flexibilidade (*Flexibility*): habilidade de assimilar novas experiências, esquemas e novas formas de pensar, ser livre de excessivas ligações com a maneira anterior de pensar e estar disposto a tolerar a ambigüidade;

4. Pensamento Crítico (*Critical Thinking*): habilidade de gerar hipóteses novas e criativas sobre incidentes da nova cultura que vão além dos sistemas da cultura original.

Os resultados encontrados sugerem que os quatro fatores da escala explicam 19% da variância total, que de acordo com os autores do instrumento (Matsumoto & LeRoux, 2006), significa que há itens individuais que não foram capturados pelos fatores, já que dos 55 itens resultantes da última análise, somente 26 itens foram capturados pelos 4 fatores. Assim, neste estudo, optou-se por trabalhar com apenas os itens capturados pelos 4 fatores, o que totaliza 26 itens.

Assim, os escores dos fatores foram derivados da soma das cargas fatoriais de cada item em cada fator, o que reduziu o número de itens para cada fator. Assim, o fator – Regulação Emocional comporta 9 itens, o fator Abertura, 7 itens, o fator Flexibilidade, 6 itens e o fator Criatividade ou Autonomia, 7 itens. Além disto, os itens – “I have tried to write poetry”, “I hardly ever get excited” e “I am a traditional person” aparecem em 2 fatores cada um deles.

Os autores avaliaram a confiabilidade do instrumento a partir do cálculo da consistência interna e do teste-reteste. Para os mesmos autores, o teste-reteste parece ser uma técnica mais adequada para avaliar a confiabilidade do instrumento já que este foi

construído por meio de métodos empíricos e por comportar mais de um fator. Desta maneira, apesar de apresentar apenas uma moderada consistência interna ( $\alpha = 0,78$  e  $\alpha = 0,51$ , nos primeiros estudos), a confiabilidade teste-reteste tem sido alta na maior parte das amostras pesquisadas ( $r > 0,76$ ) (Matsumoto & LeRoux, 2006).

Além da versão original em inglês, o instrumento tem versões em japonês e espanhol. A correlação entre a versão original em inglês e a versão em japonês é de  $r = 0,92$ . Os autores da escala relatam que ainda não há informações sobre a confiabilidade e validade da versão em espanhol.

Os autores conduziram 17 estudos com mais de 2.300 participantes, dentre os quais mais da metade não-estadunidenses, em que puderam documentar e demonstrar a fidedignidade e validade dos itens da escala ao predizer o ajustamento intercultural. Os oito primeiros estudos demonstraram: evidências de fidedignidade interna, temporal e paralela do instrumento; habilidade preditiva baseada não somente em julgamento subjetivo de especialistas sobre as entrevistas com os participantes, mas também em medidas psicométricas padronizadas; validade convergente ao ser comparada com uma medida semelhante – o *Cross Cultural Adjustment Inventory* (CCAI); validade de construto ao ser analisada juntamente com instrumentos de personalidade e validade externa (Matsumoto et al., 2005).

Nos Estudos 9 ao 14, os autores se engajaram na tentativa de averiguar se a escala poderia predizer ajustamento intercultural somente em amostras de japoneses. Os estudos mostraram fortes evidências que ICAPS prediz ajustamento intercultural em amostras de não japoneses, como imigrantes da Índia, Suécia, América Central e América do Sul que residem nos Estados Unidos (Matsumoto et al. 2005).

Em outro estudo realizado com japoneses, que foram submetidos à aplicação da escala antes de deixarem o país de origem, foi observado que ICAPS confirmou sua

característica potencial ao prever comportamentos de ajustamento intercultural mesmo antes do processo de inserção ao novo meio cultural (Matsumoto et al., 2005). O termo potencial aponta para a capacidade de uma pessoa, em um dado momento, de adaptar a uma nova cultura, sendo que os mesmos autores acreditam ser possível aumentar este potencial através de um processo de aprendizagem. Assim, o termo visa indicar as possibilidades de um aprimoramento ou aquisição das habilidades necessárias ao ajustamento intercultural (Matsumoto et al., 2003).

Já nos Estudos 15 a 17, os pesquisadores focaram em examinar os componentes comportamentais e de personalidade correlatos de ICAPS. Tais estudos corroboraram fortes evidências de que a escala prediz comportamentos que foram constatados por fatores de personalidade encontrados nos seguintes instrumentos: *The Big Five Inventory (BFI)*, *California Personality Inventory (CPI)*, *Social Opinion Questionnaire (SOQ)* e o *Myers-Briggs Type Indicator (MBTI)* (Matsumoto et al., 2005).

Ao correlacionar com os construtos do *The Big Five Inventory (BFI)*, foi verificado que ICAPS é positivamente correlacionada com extroversão, escrupulosidade, abertura, amabilidade, e negativamente com neuroticismo. Com as escalas do *Millon Clinical Multiaxial Inventory*, ICAPS apresentou correlações negativas com a maior parte das escalas de psicopatologia (Matsumoto & LeRoux, 2006).

Nos vários estudos realizados pela equipe de pesquisadores, os participantes que obtiveram escores elevados na escala ICAPS demonstraram ter menos problemas no trabalho ou em casa, menos ansiedade somática, comportamental e cognitiva, menos sintomas depressivos, maior bem-estar subjetivo ao ajustar a vida nos Estados Unidos, maior ajustamento subjetivo, maior ajustamento em casamentos interculturais, maior satisfação com a vida, maiores escores linguísticos, menor frequência de

psicopatologias, menos choque cultural, melhores notas, maior tendência ao trabalho (Matsumoto et al., 2005).

Tais achados são resultados de análises feitas com a utilização concomitante de outros instrumentos psicológicos como: o *Social Adjustment Scale Self-Report (SAS-SR)*, *Somatic, Cognitive, Behavioral Anxiety Scale (SCBAI)*, *Beck Depression Inventory II (BDI-II)*, *Subjective adjustment (SA)*, *Personal Opinion Questionnaire (POQ)*, *Dyadic Adjustment Scale (DAS)*, *Satisfaction with Life Scale (SWLS)*, *Measurement of Culture Shock (CS)*, *Homesickness and Contentment Scale (HS)* e *Language Score Millon Clinical Multiaxial Inventory-II (MCMI-II)* (Matsumoto et al., 2005).

Outros estudos realizados por pesquisadores da Áustria também comprovaram a eficácia de ICAPS ao predizer ajustamento intercultural. (Savick, Downing-Burnette, Hellen, Binden & Suntingen, 2004). Os mesmos pesquisadores conduziram uma pesquisa com os seguintes objetivos: 1. comparar os escores obtidos em ICAPS com escores em ajustamento em duas populações: uma de estudantes de intercâmbio e uma outra amostra com estudantes que permaneceram no país de origem; 2. examinar os escores de ICAPS dos estudantes de intercâmbio em cinco momentos da jornada de intercâmbio: um mês antes do embarque, no início, no meio e no final da temporada e três meses depois do intercâmbio; 3. avaliar se ICAPS e escores de ajustamento individual dos estudantes de intercâmbio aumentam ao longo da estadia na cultura estrangeira e 4. avaliar se ICAPS e ajustamento pessoal estão relacionadas à características de personalidade e estratégias de enfrentamento.

Os resultados encontrados sugeriram que aqueles que tiveram maiores escores em ICAPS também apresentaram altos níveis de extroversão, abertura para novas experiências, se mostraram mais positivos e esperançosos em suas próprias habilidades.

Eles também apresentaram estratégias específicas ao lidar com estresse e ansiedade no novo ambiente (Savick et al. 2004).

Para estes autores, a avaliação do potencial de ajustamento intercultural tem como objetivo auxiliar os indivíduos ao se inserirem em uma nova cultura, alertando-os da necessidade de fortificar alguns recursos pessoais e estratégias de enfrentamento a fim de prevenir danos psicológicos (Savick et al., 2004).

A validade preditiva de ICAPS aponta que o instrumento pode ser utilizado não somente em contextos culturais entre países, mas também em sub-culturas dentro de um mesmo país. Assim, pessoas indo de uma cidade a outra, de um estado a outro também devem ser incluídas ao se predizer ajustamento (Matsumoto et al., 2003).

Contudo, verifica-se a importância dos estudos realizados por estes autores na compreensão do fenômeno do ajustamento intercultural e na disposição de um instrumento para avaliar o construto em questão. Ainda de acordo com os pesquisadores, existe nesta área de estudos a necessidade de se realizar novas pesquisas para melhor avaliar as habilidades psicológicas relacionadas com o construto e também, o desenvolvimento de pesquisas com populações de outras culturas (Matsumoto et al., 2005).

Este trabalho tem por objetivo traduzir para o português e adaptar culturalmente a escala *Intercultural Adjustment Potential Scale* (ICAPS) para o contexto brasileiro bem como estudar suas características psicométricas. A escolha deste instrumento se justifica pelo fato de que ICAPS é um dos poucos instrumentos existentes atualmente que pode ser utilizado em uma variedade de populações incluindo estudantes, empresários, donas de casa e indivíduos envolvidos em casamentos interculturais (Matsumoto & LeRoux, 2006). Além disto, as evidências apontam para um instrumento que foca em habilidades psicológicas teoricamente e empiricamente consideradas

importantes ao lidar com o conflito e o estresse intercultural (Matsumoto & LeRoux, 2006).

A seguir será apresentado o método com os procedimentos utilizados para adaptar culturalmente o instrumento para a realidade brasileira.



### **3- MÉTODO**

#### **3.1- Adaptação transcultural de instrumentos de medida**

Historicamente, ao se utilizar um instrumento de medida construído em outra cultura, muitos estudiosos se limitavam apenas na tradução literal e informal do instrumento original. Nas últimas décadas, verifica-se uma maior cautela ao utilizar tais ferramentas recorrendo-se frequentemente a procedimentos de adaptação transcultural largamente recomendados por teóricos de diversas áreas a fim de que possa garantir que o instrumento possa ser devidamente utilizado em outra cultura (Herdman, Fox-Rushby & Badia, 1998).

A adaptação transcultural de instrumentos de medida consiste em um processo que inclui tradução e adaptações linguísticas necessárias para que o instrumento possa ser utilizado por uma população com idioma e características culturais distintas da do instrumento original. Uma simples tradução do instrumento não abrange todas as complexidades culturais das sociedades do instrumento original, assim é necessário que se busque ajustar as palavras ao contexto cultural para que se mantenha o mesmo conceito ou ideia que o original propõe (Guillemin, 1995). O objetivo é garantir que a versão adaptada seja equivalente à versão original, além de proporcionar uma melhor compreensão para a população alvo (Beaton, Bombardier, Guillemin & Ferraz, 2000).

Neste estudo, o processo de equivalência transcultural será baseado no roteiro de Beaton et al. (2000) com modificações, o qual prevê algumas etapas metodológicas, sendo elas: a tradução, a retrotradução, a revisão por um comitê de especialistas, o pré-teste e a verificação das características psicométricas.

Herdman et al. (1998) alegam que a adaptação transcultural de instrumentos de medida deve atender a equivalência nas seguintes áreas:

1) Equivalência conceitual: avalia a equivalência do construto na cultura original em comparação a cultura alvo. Procura garantir que a população em estudo compreenda de maneira equivalente os conceitos expostos no instrumento. Pode ser garantido através de uma exaustiva revisão da literatura sobre o tema na população alvo e na original (Herdman et al., 1998).

2) Equivalência de itens: avalia se os itens que compõem a escala estimam os mesmos domínios e se são relevantes nas mesmas culturas. Envolve revisão teórica, consulta com especialistas e com a população alvo (Herdman et al., 1998).

3) Equivalência Semântica: assegura que o sentido das palavras é o mesmo nos dois instrumentos, ou seja, objetiva alcançar efeitos similares nos respondentes de ambas as culturas (Herdman et al., 1998). Consistirá em cinco etapas: (1ª) uma tradução da escala em inglês para o português, por profissional com conhecimento profundo da língua inglesa; (2ª) uma retrotradução por um profissional familiarizado com a língua e a cultura inglesa; (3ª) análise semântica por comitê de especialistas, (4ª) a autora do presente estudo avaliará as apreciações feitas pelos especialistas, discutindo os itens e decidindo por aqueles que farão parte da nova versão da escala para o português; (5ª) aplicação da versão final a uma amostra da população alvo, buscando avaliar se o instrumento foi bem compreendido por esta população.

4) Equivalência de mensuração: refere-se às propriedades psicométricas utilizadas para testar a equivalência de um instrumento em duas línguas diferentes, avaliada por meio de medidas de confiabilidade e validade (Herdman et al., 1998).

### 3.1.1- Tradução e Retrotradução

Nesta etapa, optou-se por selecionar tradutores fluentes nas maneiras formais e coloquiais dos idiomas envolvidos em ambas as versões. Assim, para a tradução Guillemín, Bombardier e Beaton (1993) sugerem que os tradutores devem ser nascidos no país onde a escala estará sendo validada e ter domínio do idioma nativo e do original da escala. Assim para tradução da escala do inglês para o português foi escolhida uma tradutora juramentada, nascida e residente no Brasil.

Já para a retrotradução, Guillemín et al. (1993) apontam que os retrotradutores devem ser nascidos e alfabetizados em país de língua igual à da escala original e que possuam domínio lingüístico e cultural do idioma da versão a ser adaptada. Desta forma, solicitou-se a um tradutor, nascido em país de língua inglesa, residente no Brasil, professor de língua inglesa e tradutor, que realizasse a tradução reversa do inglês para o português.

Nesta fase, foi enviado um convite por email aos tradutores para participarem da pesquisa. Após a confirmação de ambos, a versão com 26 itens da escala em inglês foi enviada para ser traduzida do inglês para o português e em seguida, o instrumento traduzido para o português foi enviado ao retrotradutor para tradução reversa para o inglês.

Ao final desta etapa, os instrumentos eram enviados à autora deste estudo, que é fluente nos dois idiomas envolvidos, para realizar a avaliação da equivalência semântica entre a versão original e a versão retrotraduzida. Assim, eram comparados item por item a fim de verificar se cada item mantinha o mesmo sentido do seu correspondente original.

### **3.1.2-Análise semântica do instrumento**

Para a realização da análise semântica do instrumento, o critério escolhido para inclusão dos participantes nesta etapa era de que os sujeitos tivessem pelo menos Ensino Superior Completo. Sendo assim, a amostra foi composta por treze sujeitos (juízes). Quanto ao gênero, oito juízes eram do gênero feminino e cinco do gênero masculino. Em relação ao grau de instrução, três são doutores em psicologia, sendo dois em Psicologia Social e do Trabalho, dois mestres em psicologia e oito com curso superior em áreas do Direito, Relações Públicas, Psicologia e Administração.

Para esta etapa, foi utilizado um questionário contendo perguntas referentes aos dados complementares como gênero e grau de instrução dos juízes, as instruções iniciais e os 26 itens da escala ICAPS traduzidos para o português com o espaço de uma linha abaixo de cada frase para possíveis sugestões e alterações (ANEXO A), tendo em vista as palavras de difícil compreensão, sentido dúbio ou incompleto. Este procedimento tem como objetivo analisar os itens do ponto de vista semântico, cuja linguagem fosse considerada de fácil compreensão por estudantes brasileiros.

O procedimento de coleta de dados nesta fase foi realizado por um convite informal aos juízes para participação no estudo. Foi explicado o objetivo da pesquisa e a forma de contribuição deles para a análise semântica do instrumento. O questionário (ANEXO A) foi enviado por email a todos os sujeitos. Foram distribuídos 15 questionários e retornaram 13 deles.

### **3.1.3 – Pré-teste**

Para comparar a versão original com a versão final foi feito um pré-teste, que consiste em verificar a compreensão do instrumento por uma amostra da população alvo. Assim, foram selecionados 49 alunos de graduação em Psicologia de uma universidade federal do Triângulo Mineiro para que relatassem os itens de difícil compreensão ou sentido dúbio.

A fim de verificar a equivalência da versão original com a versão final, a versão com 26 itens da escala ICAPS traduzida para o português (ANEXO B) e analisada pelo comitê de juízes foi apresentada a uma amostra com 49 estudantes universitários e teve como objetivo verificar o entendimento quanto às instruções e frases do instrumento. Inicialmente foi explicado o objetivo da pesquisa e a forma de participação e em seguida o instrumento foi reproduzido em voz alta, item por item perante todo o grupo, e os sujeitos foram questionados sobre a existência de termos de difícil compreensão ou sentido dúbio

### **3.1.4- Adaptação do instrumento**

Para Pasquali (2005), os critérios de adequação da quantidade de respondentes aos propósitos de uma pesquisa são: de cinco a dez respondentes para cada item do instrumento, ou cem sujeitos para cada fator medido; ou pelo menos duzentos respondentes. Tendo em vista que a versão possui 26 itens e 4 fatores, o presente estudo atendeu aos três critérios recomendados por este autor pois verifica-se a presença de mais de dez respondentes para cada item, mais de 100 casos por fator, totalizando 428

sujeitos participantes da pesquisa. Sendo assim, procedeu-se às análises estatísticas descritivas e inferenciais.

Para esta fase de adaptação do instrumento para a realidade brasileira foi utilizado uma escala com instruções gerais de como preenchê-la, os 26 itens da escala ICAPS traduzida para o português (ANEXO B) e os seguintes dados demográficos: idade, naturalidade, sexo e curso.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética (CEP-UFU) protocolo 350-10 como consta no ANEXO C. Para a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos foi necessário um contato com os coordenadores de alguns cursos de uma universidade federal do Triângulo Mineiro e de uma Instituição de Cursos Profissionalizantes da cidade de Uberlândia para que, com o consentimento destes, pudesse ser realizada a etapa de coleta de dados. A cada coordenador foi explicado o objetivo da pesquisa, os procedimentos de aplicação e a forma de participação dos estudantes. Após a confirmação dos coordenadores de alguns cursos da universidade escolhida e da supervisão pedagógica da Instituição de Ensino Profissionalizante foi realizado um contato com os professores de algumas disciplinas dos cursos e agendado um horário de melhor conveniência para ser aplicada a escala.

Ao se dirigir às salas de aula, a aplicadora solicitava a autorização do professor, explicava-lhe os objetivos do trabalho e pedia sua autorização para falar com os alunos. A eles, explicava os objetivos do estudo, ressaltava o anonimato de suas respostas, esclarecendo que os questionários não eram identificados, e solicitava autorização formal para colaborar, pedindo-lhes que assinassem um termo de consentimento (Anexo D) no qual constava o compromisso de sigilo por parte dos pesquisadores e a garantia de que nenhum prejuízo lhes adviria de suas respostas. Foi-lhes explicado que as conclusões do estudo resultariam das respostas do grupo e que

nenhum questionário seria analisado individualmente. Após consentimento dos alunos, estes foram convidados a responderem de acordo com o que estava sendo pedido. Foi explicado também que qualquer dúvida com relação ao correto preenchimento da escala poder-se-ia discuti-las a qualquer momento e caso algum participante decidisse em abandonar a participação na pesquisa durante a aplicação do instrumento, poderia ser feito, sem prejuízo algum. Após preenchimento dos alunos, a escala era recolhida e lacrada em envelopes sem a identificação dos participantes.

### **3.2- Análise dos dados**

Para a etapa de análise dos dados foi utilizado o programa SPSS (*Statistical Package of Social Science*) versão 15.0.

#### **3.2.1- Descrição da amostra**

Na descrição da amostra foram utilizadas análises estatísticas descritivas (frequência, porcentagem, média e desvio-padrão).

A amostra foi composta por 428 estudantes da cidade de Uberlândia, sendo 17 do Ensino Fundamental, 123 do Ensino Médio e 285 do Ensino Superior, com 3 casos omissos. A faixa etária variou de 14 a 46 anos, com média de 19,21 anos e desvio padrão de 3,97, sendo 223 nascidos em Uberlândia e 186 nascidos em outras cidades (ver Tabela 1, a seguir).

**Tabela 1: Descrição da amostra**

<b>Variáveis</b>	<b>No</b>	<b>%</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio Padrão</b>
<b>Sexo</b>				
Feminino	291	68,0		
Masculino	134	31,3		
Dados ausentes	3	0,7		
Total	428	100,0		
<b>Idade (anos)</b>				
Dados ausentes	9	3,1	19,21	3,97
<b>Escolaridade</b>				
Ens Fund Inc	17	4,0		
Ens Med Inc	123	28,7		
Ens Sup Inc	285	66,6		
Dados ausentes	3	0,7		
Total	428	100,0		
<b>Naturalidade</b>				
Nascidos em Uberlândia	223	52,1		
Nascidos em outra cidade	186	43,5		
Dados ausentes	19	4,4		
Total	428	100		

N=428

**3.2.2- Análise da confiabilidade e validade de ICAPS**

Após esta primeira etapa, vários autores sugerem avaliar as características psicométricas do instrumento a fim de verificar se as propriedades do instrumento original foram mantidas (Beaton et al., 2000; Herdman et al., 1998; Guillemin, 1995). A fatorabilidade da amostra foi testada pelo índice de Kaiser-Meyer-Olkin e pelo teste de



esfericidade de Bartlett, conforme recomendação de Tabachnick e Fidell (2007). Depois disso, a confiabilidade da escala original foi testada pelo cálculo do alfa de Cronbach, os dados foram submetidos à análise dos componentes principais (PC) e à fatoração dos eixos principais (PAF).

### **3.2.2.1 - Confiabilidade**

A confiabilidade de um instrumento, segundo Pasquali (2004) refere-se à capacidade de um teste medir sem erros, isto significa que ao medir os mesmos indivíduos em momentos diferentes ou ao medir os mesmos indivíduos, com testes semelhantes, ao mesmo tempo, resultará em resultados idênticos.

Pode-se verificar a confiabilidade do instrumento pela consistência interna. A avaliação da consistência interna objetiva verificar a correlação dos itens de um instrumento entre si e com a escala toda, na expectativa de que eles apresentem uma congruência entre si, uma vez que eles medem o mesmo fenômeno. Uma das maneiras de se avaliar a consistência interna de um instrumento é por meio do Alfa de Cronbach, que reflete o grau de covariância entre os itens. O coeficiente Alfa varia de 0 a 1, sendo que quanto mais próximo de 1, para o valor de coeficiente Alfa, maior é a congruência entre os itens, e isto significa que menos erro o teste comete. Segundo Gifford e Cummings (1999), um alfa de Cronbach maior que 0,8 é considerado excelente, um alfa entre 0,4 e 0,7 é considerado bom e um alfa menor que 0,4 é considerado ruim.

### 3.2.2.2- Validade

A validade de um teste, segundo Hinderer e Hinder (2002) é a eficácia com a qual um teste mede aquilo que se propõe medir.

A validade do instrumento foi avaliada através da validade de construto. Para esta validade utilizou-se a Análise Fatorial Exploratória que se baseia na correlação entre os itens e busca a confirmação dos fatores ou domínios e a confirmação dos itens em cada fator (Pasquali, 2004). Através desta técnica, pode-se obter informações sobre os itens e os fatores que o instrumento está medindo, produzindo carga fatorial para cada item. As cargas fatoriais variam de -1 a +1, sendo que as cargas negativas significam que a variável em questão está negativamente correlacionada com o fator e as cargas positivas estão positivamente correlacionadas com o fator (Dancey & Reidy, 2006)

## **4- Resultados**

### **4.1- Tradução e Retrotradução**

Para a tradução, foi dada uma orientação à tradutora que se tratava de uma adaptação transcultural de um instrumento de medida psicológica sendo que era imprescindível que se buscasse preservar o mesmo significado ou sentido dos itens a fim de manter a integridade do instrumento.

A retrotradução foi realizada para se comparar a versão do instrumento retrotraduzido com a versão original em inglês. Quanto à avaliação da equivalência semântica entre a versão retrotraduzida e a versão original, realizada pela autora deste estudo, observou-se que a maior parte dos itens (24 itens) obteve entre 91,66% e 100,0% de concordância semântica (ANEXO E). Sendo que apenas 2 itens apresentaram concordância de 66,67% e 71,42%. Na análise do significado geral, a maioria dos itens foi considerada de significado inalterado em relação ao instrumento original. Nenhum item foi avaliado como completamente alterado. Entre os itens de menor concordância, não foi detectado nenhum erro ou discrepância grave que poderia prejudicar o sentido dos itens em relação ao instrumento original. Esse processo resultou na versão traduzida do instrumento.

### **4.2- Análise semântica do instrumento**

A análise semântica do instrumento consistiu na submissão da escala original a treze juízes, com o objetivo de avaliarem a compreensão dos itens da escala. Foi

solicitado que colaborassem no sentido de oferecerem sugestões ao conteúdo, com expressões e frases tornando-as mais compreensíveis ao contexto brasileiro.

Algumas modificações foram propostas pelos juízes quanto à semântica do instrumento e 3 juízes não fizeram nenhuma alteração. Contudo, verificou-se que não houve nenhuma concordância entre as alterações propostas pelos juízes. Sendo assim, optou-se por manter os itens traduzidos sem nenhuma alteração.

#### **4.3 – Pré-teste**

Nesta fase, não houve nenhum questionamento significativo dos 49 estudantes que contribuíram para a realização desta etapa e verificou-se que o instrumento apresentava-se de maneira compreensível à população participante. Novamente, optou-se por manter a versão traduzida para o português sem nenhuma alteração.

#### **4.4- Adaptação do instrumento**

As análises dos dados obtidos na amostra de validação foram realizadas utilizando-se do programa estatístico SPSS (*Statistical Package of Social Science*, versão 16.0). As análises descritivas e exploratórias para investigar a exatidão da entrada dos dados, a distribuição dos casos omissos, o tamanho da amostra, os casos extremos e a distribuição das variáveis não identificaram erros de digitação e mais de 5% de dados omissos em cada variável.

#### 4.4.1- Confiabilidade do instrumento

As quatro dimensões originais de ICAPS (*Intercultural Adjustment Potencial Scale*) foram submetidas ao cálculo do coeficiente de Alfa de Cronbach, com o objetivo de verificar a confiabilidade do instrumento na amostra da pesquisa. Para o fator Regulação Emocional o valor encontrado foi de -0,029; para o fator Abertura, o índice foi de 0,087; no fator Flexibilidade o  $\alpha$  foi de 0,085; para o fator Pensamento Crítico, o valor foi de 0,228. Segundo Streiner e Norman (2003), valores entre 0,70 e 0,90 representam uma boa consistência interna. Enquanto que valores abaixo de 0,70 configuram uma consistência interna fraca. Pasquali (2005) também indica que valores acima de 0,70 possuem confiabilidade satisfatória para se manterem como fatores em instrumentos psicométricos. Assim, de acordo com a literatura (Pasquali, 2005), os resultados (Tabela 2) indicaram uma fidedignidade insatisfatória para todos os fatores da escala.

**TABELA 1 – Resumo das características dos itens originais de ICAPS e índice de confiabilidade da amostra de adaptação de validação.**

Instrumento	Fatores	Número dos Itens	Alfa de Cronbach (amostra)
Escala de Potencial de Adaptação Intercultural (ICAPS)	Regulação Emocional	2, 5, 6, 7, 9, 10, 15, 17, 18	-0,029
	Abertura	3, 12, 13, 14, 19, 22, 24	0,087
	Flexibilidade	1, 8, 19, 20, 25, 26	0,085
	Pensamento Crítico	4, 11, 16, 20, 21, 22, 23	0,228

#### 4.4.2- Adaptação e validação do instrumento

Para realizar a análise fatorial algumas condições devem ser atendidas. Uma delas é verificar a adequação da amostra, demonstrada através do Kaiser-Meyer-Olkin (KMO). Hair et al (2006) sugerem um valor de KMO de 0,50 como patamar aceitável. Além desta exigência, a estatística *Bartlett Test of Sphericity* (BTS) deve ser estatisticamente significativa ( $p < 0,05$ ) e as comunalidades (percentagem de variabilidade explicada de cada variável quando agrupada em fator) devem apresentar um valor mínimo de 50% (Hair et al., 1998). O atendimento das condições necessárias para a análise fatorial foi verificado a partir do índice de adequação da amostra, o Kaiser-Meyer-Olkin, que teve valor igual a 0,63 caracterizado como satisfatório, e o teste de esfericidade de Bartlett foi significativo ( $\chi^2 = 1196,36$ ;  $p < 0,01$ ).

Ao analisar as comunalidades (ver Tabela 4, a seguir), que indicam a relação de cada item com o construto geral da escala, somente 1 item apresentou comunalidade com valor de 0,45, sendo que para todos os outros itens as comunalidades apresentaram valor acima de 50% indicando que as correlações entre os itens permitiam a análise fatorial. Em uma perspectiva mais conservadora, seria aconselhável excluir o item com valor abaixo de 50% da análise e realizar novamente a análise fatorial. Para os propósitos da pesquisa, optou-se por mantê-la.

**Tabela 3: Comunalidades**

	Inicial	Extração
item01	1,000	,563
item02	1,000	,645
item03	1,000	,634
item04	1,000	,636
item05	1,000	,525
item06	1,000	,632
item07	1,000	,514
item08	1,000	,510

item09	1,000	,508
item10	1,000	,556
item11	1,000	,592
item12	1,000	,521
item13	1,000	,562
item14	1,000	,721
item15	1,000	,550
item16	1,000	,536
item17	1,000	,587
item18	1,000	,574
item19	1,000	,644
item20	1,000	,696
item21	1,000	,568
item22	1,000	,595
item23	1,000	,454
item24	1,000	,609
item25	1,000	,528
item26	1,000	,548

Método de Extração: Análise dos componentes principais

Para estimar o número de componentes foi realizada uma análise exploratória dos dados por meio da Análise dos Componentes Principais – PC. Tal técnica estatística é recomendável (Tabachinick & Fidell, 2007; Pasquali, 2005) para o processo de construção de instrumentos psicométricos, a fim de realizar explorações introdutórias da estrutura fatorial latente.

A literatura aponta que não há um critério consensual para definir quantos fatores devem ser extraídos, mas existem alguns procedimentos que podem auxiliar o pesquisador na hora de tomar essa decisão. Por exemplo, alguns autores sugerem que devem ser extraídos apenas os fatores com autovalor acima de um. Isso porque se o fator apresenta um baixo autovalor, ele está contribuindo pouco para explicar a variância nas variáveis originais. Esse método funciona melhor quando o pesquisador utiliza entre 20 e 50 variáveis. (Tabachinick & Fidell, 2007). Assim, seguindo as recomendações da literatura (Pasquali, 2005), foram adotados os critérios de autovalores iguais ou superiores a 1 e cargas fatoriais iguais ou superiores a 0,30 (ver tabela 4 abaixo).

**Tabela 4: Variância Total explicada**

Componente	Eigenvalues			Soma da extração das cargas quadradas			Rotação
	Total	% de Variância	Acumulada %	Total	% da Variância	Acumulada %	
1	2,643	10,167	10,167	2,643	10,167	10,167	1,469
2	2,247	8,643	18,809	2,247	8,643	18,809	1,354
3	1,594	6,131	24,941	1,594	6,131	24,941	1,347
4	1,534	5,900	30,841	1,534	5,900	30,841	1,235
5	1,356	5,217	36,058	1,356	5,217	36,058	
6	1,234	4,748	40,805	1,234	4,748	40,805	
7	1,157	4,449	45,254	1,157	4,449	45,254	
8	1,107	4,257	49,511	1,107	4,257	49,511	
9	1,100	4,231	53,743	1,100	4,231	53,743	
10	1,036	3,987	57,729	1,036	3,987	57,729	
11	,985	3,790	61,519				
12	,915	3,520	65,040				
13	,863	3,318	68,358				
14	,857	3,298	71,656				
15	,792	3,044	74,700				
16	,762	2,932	77,632				
17	,749	2,883	80,515				
18	,700	2,693	83,208				
19	,655	2,520	85,727				
20	,628	2,415	88,142				
21	,602	2,315	90,457				
22	,561	2,157	92,615				
23	,549	2,110	94,725				
24	,486	1,871	96,596				
25	,470	1,810	98,405				
26	,415	1,595	100,000				

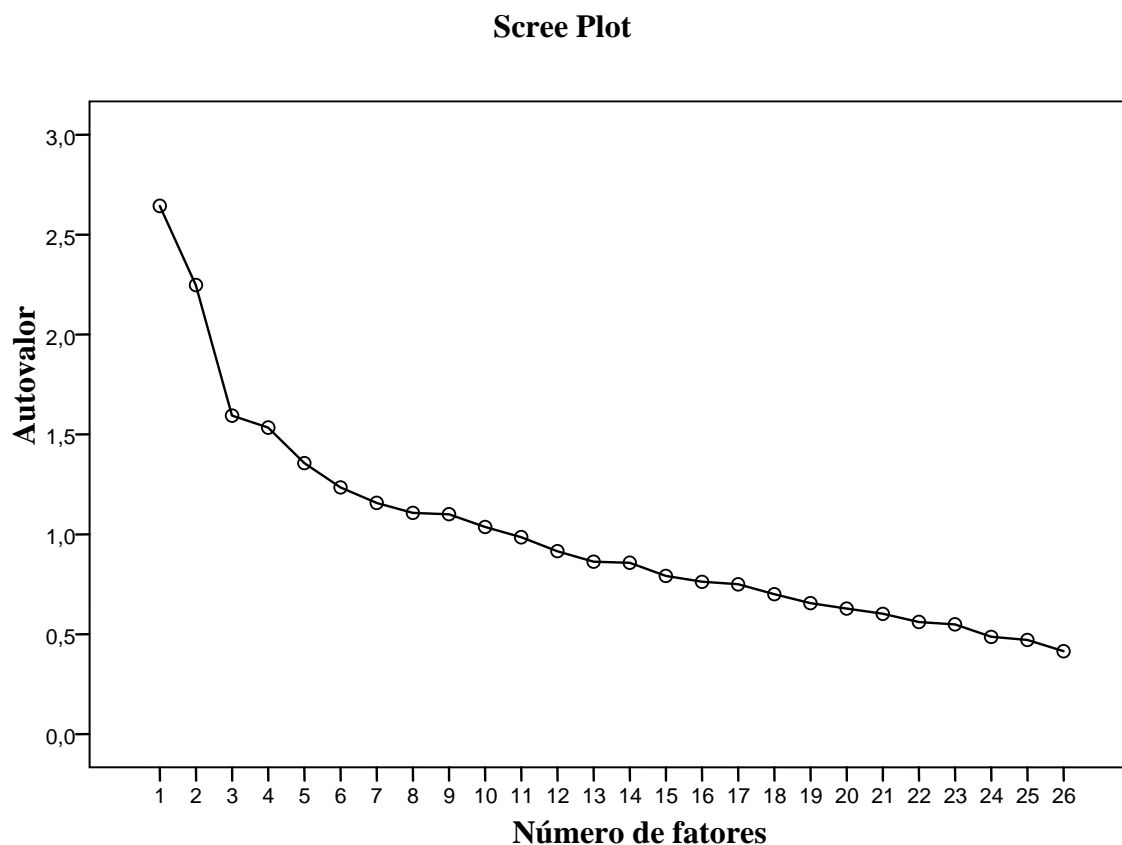
**Método de extração: Análise dos componentes principais**

O resultado obtido indicou uma estrutura de 10 componentes com autovalores acima de 1, porém o gráfico *scree plot* ( ver figura 2) indicou uma mudança na direção da curva no quarto fator, sugerindo uma solução com três ou quatro fatores. De acordo com Cattell (1978) o *Scree test* é um método que auxilia o pesquisador analisar graficamente a dispersão do número de fatores até que a curva da variância individual de cada fator se torne horizontal ou sofra uma queda abrupta. Em ambas as situações, isso indica que muita variância foi perdida e, por isso, deve-se parar de extrair fatores.

Outra indicação contrária à estrutura de 10 componentes foi a obtenção de apenas 4 componentes com autovalor acima de 1,5, que explicam 30,84% da variância



total. Esse critério é justificado pela preocupação de reter a quantidade de fatores necessários para a explicação da variância total do construto (Pasquali, 2005).



**Figura 1 – Scree Plot**

Os dados foram posteriormente submetidos à fatoraçoão dos eixos principais (PAF) que permite realizar a inferência de que o traço latente é o causador do comportamento descrito pelos itens e verificar se os itens da escala comportam-se da mesma maneira que na estrutura pré-definida pelo estudo que originou a escala. A realização da análise fatorial confirmatória, pelo método PAF com quatro fatores é justificada pelos resultados estatísticos encontrados até o momento e também pela base teórica acerca do construto.

A partir dos resultados encontrados anteriormente no cálculo do PC, adotaram-se como critérios uma estrutura fatorial composta por quatro fatores e itens com cargas fatoriais iguais ou superiores a 0,30. O próximo passo foi escolher o tipo de rotação dos fatores. Tendo em vista a pressuposição da correlação (de dependência) entre os fatores, (Pasquali, 2005; Tabachinick & Fidell, 2007), o método rotacional escolhido foi o oblíquo (*Direct Oblimin*). O resultado encontrado pela matriz de correlação entre os fatores mostrou que eles apresentaram correlação baixa entre si, como informado na tabela a seguir.

**Tabela 5: Matriz de Correlação entre os Fatores**

Fator	1	2	3	4
1	1,000	,123	,084	,139
2	,123	1,000	-,118	,200
3	,084	-,118	1,000	,037
4	,139	,200	,037	1,000

Método de Extração: Análise dos Eixos Principais

Método de Rotação: Oblimin com normalização Kaiser

Os resultados apontaram para uma solução composta pelos 4 fatores que explicaram 30,78% da variância total do construto, sendo que o Fator 1 foi responsável pela maior explicação da variância com 10,07%, seguido pelo Fator 2 com 8,68% de explicação, pelo Fator 3 com 6,10% e pelo Fator 4 com 5,91% (Tabela 7). Os autovalores foram maiores que 1,5 nos quatro fatores, e as cargas fatoriais dos itens em seus respectivos fatores foram superiores a 0,30. A seguir são apresentados os valores das variâncias explicadas para cada fator.

**Tabela 6: Variância Total explicada**

Componente	Eingenvalues			Soma da extração das cargas quadradas			Rotação
	Total	% de Variância	Acumulada %	Total	% da Variância	Acumulada %	
1	2,620	10,075	10,075	1,870	7,192	7,192	1,469
2	2,258	8,684	18,760	1,530	5,883	13,075	1,354
3	1,588	6,109	24,868	,869	3,344	16,419	1,347
4	1,539	5,919	30,788	,765	2,942	19,361	1,235
5	1,340	5,155	35,943				
6	1,224	4,708	40,652				
7	1,176	4,523	45,174				
8	1,119	4,303	49,478				
9	1,099	4,228	53,706				
10	1,034	3,976	57,682				
11	,993	3,817	61,499				
12	,916	3,522	65,022				
13	,867	3,333	68,354				
14	,849	3,265	71,619				
15	,792	3,045	74,664				
16	,758	2,917	77,581				
17	,746	2,871	80,451				
18	,698	2,684	83,136				
19	,650	2,499	85,635				
20	,624	2,401	88,036				
21	,601	2,311	90,347				
22	,582	2,237	92,584				
23	,548	2,107	94,691				
24	,488	1,875	96,566				
25	,475	1,827	98,393				
26	,418	1,607	100,000				

**Método de extração: Análise dos Eixos Principais com Rotação Oblimin**

A matriz padrão na tabela a seguir foi obtida com a Análise dos Eixos Principais, para análise com 4 fatores, eliminando-se todos os itens com índice de saturação menor que 0,30.

**Tabela 7: Matriz Padrão**

	Fator			
	1	2	3	4
item01				
item02		,688		
item03				
item04				,408

---

item05		-,385	
item06		-,512	
item07			
item08			,385
item09			,305
item10			
item11			
item12	-,423		
item13	,545		
item14			
item15			
item16			
item17		-,640	
item18		,303	
item19		,598	
item20			
item21			,589
item22	,582		
item23			,308
item24	,343		
item25			
item26			

---

Método de Extração: Análise dos Eixos Principais

Método de rotação: Oblimin com normalização Kaiser.

Rotação convergiu em 20 iterações

Posteriormente, para o cálculo do Alfa de Cronbach da escala com 4 itens foram excluídos os itens 1, 3, 7, 10, 11, 14, 15, 16, 20, 25 e 16, pois tiveram índice de saturação inferior a 0,30. Antes da aplicação já se suspeitava que alguns itens seriam excluídos pelo fato de que a matriz original possuía alguns itens com cargas fatoriais baixas e negativas. Foi realizado o *recode*, um procedimento muito adotado quando são encontrados alfas negativos. Tal procedimento consiste na inversão dos itens que apresentam cargas negativas para que fiquem no mesmo eixo dos itens do mesmo fator. Neste estudo, foi encontrado um resultado semelhante ao anterior, não originando nenhum resultado satisfatório e que justificasse a manutenção do *recode* para a pesquisa. A tabela a seguir apresenta os resultados obtidos a partir da Análise dos Eixos principais, com rotação oblimin, as cargas fatoriais, as comunalidades, a variância

explicada dos fatores, a confiabilidade de cada fator, os autovalores obtidos e o número de itens por fator.

**Tabela 8 - Composição dos Fatores, Variâncias Explicadas, Valores próprios, Cargas fatoriais dos Itens e Alfa de Cronbach dos fatores**

Itens	F1	F2	F3	F4	Comunalidades
Assistir a espetáculos de balé, ou dança moderna, é chato.	-0,42				0,30
Eu gosto de poemas tradicionais.	0,54				0,30
Eu já tentei escrever poesia.	0,58				0,34
Eu gosto de pensar sobre as origens do universo	0,34				0,12
Estar em situações emocionais tensas me assusta.		0,68			0,48
Eu não me preocupo muito.		-0,38			0,16
Eu raramente me sinto ansioso ou com medo.		-0,51			0,28
Eu não sinto muito prazer em conversar com as pessoas.			0,38		0,16
Eu geralmente me sinto inferior aos outros.			0,30		0,19
Eu me sinto feliz na maior parte do tempo.			-0,64		0,39
Eu me irrita facilmente.			0,30		0,12
Eu raramente fico animado.			0,59		0,34
Bater em uma criança é a melhor maneira de ensiná-la				0,40	0,21
O problema com as crianças, atualmente, é que seus pais não as castigam o suficiente.				0,58	0,41
Meus pais eram sempre rígidos comigo.				0,30	,096
<b>Número de itens</b>	<b>4</b>	<b>3</b>	<b>5</b>	<b>3</b>	
<b>Eigenvalues (autovalores)</b>	<b>2,62</b>	<b>2,25</b>	<b>1,58</b>	<b>1,53</b>	
<b>Alpha de Cronbach</b>	<b>0,10</b>	<b>-0,35</b>	<b>-0,04</b>	<b>0,45</b>	
<b>Percentual de Variância Explicada</b>	<b>10,07</b>	<b>8,68</b>	<b>6,10</b>	<b>5,91</b>	

O primeiro fator reteve 4 itens (item 12: Assistir a espetáculos de balé, ou dança moderna, é chato, item 13: Eu gosto de poemas tradicionais, item 22: Eu já tentei escrever poesia e item 24: Eu gosto de pensar sobre as origens do universo) com cargas fatoriais de -0,42 a 0,58, com índice de confiabilidade (alfa de Cronbach) de 0,10. O percentual de variância explicada está em 10,07%. A composição do fator 1 não coincide, na numeração, com a apresentada pelos autores (Matsumoto & LeRoux, 2006). Posteriormente foi verificado o valor do alfa para a escala, caso cada item deste fator fosse deletado, mesmo assim, os valores de alfa encontrados não apresentaram um valor significativo.

**Tabela 9: Estatísticas do Fator 1:**

	Média da Escala se o item for deletado	Variância da escala se o item for deletado	Correlação total	Alfa de Cronbach se o item for deletado
item12	12,71	21,802	-,268	,482
item13	11,84	15,645	,113	-,008(a)
item22	11,59	11,973	,166	-,155(a)
item24	11,58	12,068	,264	-,303(a)

O segundo fator reteve 3 itens (item 2: Estar em situações emocionais tensas me assusta, item 5: Eu não me preocupo muito e item 6: Eu raramente me sinto ansioso ou com medo) com cargas fatoriais de -0,51 a 0,68 com índice de confiabilidade de -0,35. Os itens capturados pelo fator 2 neste estudo não coincidem com os itens encontrados pelos autores do instrumento (Matsumoto & LeRoux, 2006). O percentual de variância explicada está em 8,68%. Os resultados da tabela abaixo mostram que caso cada item do fator 2 fosse deletado a escala ainda assim não apresentaria resultados satisfatórios.

**Tabela 10: Estatísticas do Fator 2:**

	Média da Escala se o item for deletado	Variância da escala se o item for deletado	Correlação total	Alfa de Cronbach se o item for deletado
item02	5,63	8,182	-,358	,431
item05	7,86	4,102	,050	-1,071(a)
item06	7,52	4,879	-,055	-,575(a)

O terceiro fator reteve 5 itens (item 8: Eu não sinto muito prazer em conversar com as pessoas, item 9: Eu geralmente me sinto inferior aos outros, item 17: Eu me sinto feliz na maior parte do tempo, item 18: Eu me irritado facilmente e item 19: Eu raramente fico animado) com cargas fatoriais de -0,64 a 0,59, com índice de confiabilidade de -0,04. Somente os itens 8 e 9 são comuns ao presente estudo e ao processo de construção do instrumento original (Matsumoto & LeRoux, 2006). O percentual de variância explicada é de 6,10%. Os resultados da tabela abaixo mostram as estatísticas caso cada item do fator 3 fosse deletado:

**Tabela 11: Estatísticas do Fator 3:**

	Média da Escala se o item for deletado	Variância da escala se o item for deletado	Correlação total	Alfa de Cronbach se o item for deletado
item08	14,68	9,549	,212	-,323(a)
item09	13,68	9,808	,023	-,097(a)
item17	11,09	16,291	-,420	,394
item18	12,27	8,663	,114	-,263(a)
item19	14,30	9,880	,098	-,194(a)

O quarto fator reteve 3 itens (item 4: Bater em uma criança é a melhor maneira de ensiná-la, item 21: O problema com as crianças, atualmente, é que seus pais não as castigam o suficiente e item 23: Meus pais eram sempre rígidos comigo) com cargas

fatoriais de 0,30 a 0,58 e índice de confiabilidade de 0,45. Os três itens capturados pelo fator 4 nesta pesquisa coincidem com os resultados do estudo que originou a escala, porém a composição do fator neste estudo apresenta número de itens inferior ao da escala original. O percentual de variância explicada está em 5,91%. Os resultados da tabela a seguir mostram as estatísticas de cada item do fator 2 caso fossem deletados da escala:

**Tabela 12: Estatísticas do Fator 4:**

	Média da Escala se o item for deletado	Variância da escala se o item for deletado	Correlação total	Alfa de Cronbach se o item for deletado
item04	7,17	10,036	,282	,361
item21	6,07	7,182	,348	,209
item23	5,40	8,568	,217	,468

Contudo, verificou-se que os valores encontrados de confiabilidade para cada fator se apresentaram muito baixos e dois fatores apresentaram alfas negativos indicando que uma fragilidade na composição dos fatores.



## 5- Discussão

Foi destacado no início deste trabalho as características do cenário atual sobre o ajustamento intercultural de pessoas em processo de migração e a importância crescente entre os teóricos da psicologia de se avaliar o construto em questão. Foi ressaltada também a escassez de estudos realizados no Brasil e a ausência de instrumentos brasileiros ou adaptados ao contexto nacional para avaliar precisamente o traço latente pesquisado.

O objetivo desta pesquisa foi o de adaptar ao contexto brasileiro a Escala de Potencial de Ajustamento Intercultural (ICAPS) construída por Matsumoto e LeRoux (2006). Para o alcance dos objetivos, buscou-se seguir alguns procedimentos de adaptação de instrumentos de avaliação: escolha de um instrumento de medida já validado, tradução dos itens para o português e sua retrotradução para o inglês, análise semântica e verificação das propriedades psicométricas do instrumento proposto. Algumas técnicas estatísticas foram realizadas a fim de verificar as qualidades psicométricas do instrumento: análise de confiabilidade dos itens do instrumento original, análise fatorial exploratória por meio da técnica dos componentes principais, fatoração dos eixos principais e avaliação da confiabilidade dos fatores

Os resultados encontrados sugerem que: as confiabilidades dos fatores originais da escala apresentaram resultados insatisfatórios para a amostra avaliada, a análise fatorial exploratória apontou a existência de 10 fatores, que explicaram 30,47% da variância total do construto, a técnica da fatoração dos eixos principais sugeriu que o modelo fatorial (composto por 4 fatores) não coincide com a composição original da escala e explicou apenas 30,78% da variância total das respostas dos participantes da pesquisa. Assim, foi encontrado um número pequeno de itens por fator que possuem um grau pequeno de explicação da variabilidade dos dados. As consistências internas,

calculadas através do alfa de Cronbach, de cada fator e da escala inteira após análise fatorial confirmatória apresentaram resultados muito abaixo do que é considerado um valor significativo (Pasquali, 2005).

Algumas hipóteses acerca dos resultados encontrados merecem destaque. A partir da análise da escala sob o ponto de vista da literatura sobre construção de instrumentos (Pasquali, 2010), levantaram-se as seguintes observações: o instrumento não atende a todos os critérios estabelecidos como fundamentais na elaboração dos itens de um instrumento de medida, dentre eles:

- critério de simplicidade: cada item deve cobrir apenas um problema. Ao se analisar o instrumento deste estudo, verifica-se a ausência deste critério no item (Eu raramente me sinto ansioso ou com medo). Este item apresenta duas ideias distintas, uma vez que a pessoa pode sentir ansiosa mas não com medo, e vice-versa. A existência de itens complexos pode levar o responde à dúvida na escolha de uma resposta para ambas as situações.

- critério da clareza: evitar itens negativos. Nota-se que no instrumento há itens negativos (Eu não me importaria se meu marido, ou esposa, tivesse amigos do sexo oposto; Eu não me preocupo muito; Eu não sinto muito prazer em conversar com as pessoas e As pessoas não devem se preocupar com o que os outros fazem). Por ser uma escala do tipo likert de 7 pontos, que vai de acordo total e desacordo total, concordar ou discordar com uma frase negativa pode dificultar a interpretação e pode induzir os respondentes ao erro.

- critério da relevância: o item deve ser consistente com o construto em questão, requisito representado pela carga fatorial do item em cada fator. Cabe ressaltar que o instrumento original desta pesquisa apresenta itens com cargas fatoriais baixas e negativas num mesmo fator.

- critério da modalidade: deve-se evitar o uso de expressões extremadas. Destaca-se, neste instrumento, a ocorrência de itens com expressões extremadas (Eu não me preocupo muito; Eu raramente me sinto ansioso ou com medo; Eu frequentemente me preocupo com as coisas que podem dar errado e Eu raramente fico animado). Ao se considerar que a intensidade da resposta é dada na escala de resposta e se o item apresenta-se de forma extremada, é de se esperar que haja dúvidas no momento da escolha da resposta que reproduza exatamente aquilo que se quer transmitir.

Além destes critérios, outro aspecto que merece atenção é a existência de itens excessivamente subjetivos, como exemplos têm-se os itens: “Estar em situações emocionais tensas me assusta”, “Eu não me preocupo muito”, “As pessoas não devem se preocupar com o que os outros fazem” e “Eu sou uma pessoa tradicional”. Estes itens não são claros e objetivos e podem também depender do contexto cultural de cada respondente. A subjetividade dos itens pode ser considerada um problema do instrumento original que dificulta a adaptação para um contexto cultural diferente (Pasquali, 2010).

Vale ressaltar ainda que neste estudo para avaliação da fidedignidade da escala a técnica estatística escolhida foi diferente da técnica sugerida pelos autores do instrumento. No estudo original, os autores utilizaram duas técnicas para o cálculo da confiabilidade, o cálculo do alfa de Cronbach e o teste reteste. Porém, eles defendem que o cálculo do teste-reteste é a maneira mais adequada de se avaliar a confiabilidade da escala pelo fato de que foram adotados procedimentos empíricos para a construção dos itens e também pelo fato de a escala comportar mais de um fator, o que do ponto de vista dos autores, favoreceria a técnica escolhida (Matsumoto & LeRoux, 2006). Neste presente estudo, optou-se por utilizar somente o cálculo do alfa de Cronbach no estudo da confiabilidade do instrumento por ser uma técnica universalmente recomendável pela

maioria dos investigadores da área de psicometria e por ser uma técnica adequada aos propósitos desta pesquisa. Nos estudos divulgados pelos autores do instrumento (Matsumoto & LeRoux, 2006) nas fases de construção e validação, não há dados que confirmem a existência de valores satisfatórios de alfas em amostras significativas para os propósitos de validação de instrumentos de medida. Além disto, os autores não apresentam em nenhum estudo os valores de confiabilidade de cada fator, apresentando apenas o da escala toda. A falta de informações precisas sobre a confiabilidade da escala através do alfa de Cronbach não possibilitou um conhecimento adequado sobre a escala e pode representar uma inadequação aos procedimentos de construção e divulgação de instrumentos psicológicos.

Ademais, os resultados encontrados por este estudo não apresentaram valores de alfas satisfatórios, sendo que foram encontrados valores de alfa negativos para dois fatores da escala. A ocorrência de alfas negativos, de acordo com Maroco e Garcia-Marques (2006), ocorre quando as correlações item-item são de fato, negativas. A presença de alfas negativos pode ser corrigida através da recodificação (*recode*) ou inversão dos pontos como forma de garantir que os itens sejam posicionados na mesma direção. Conforme relatado, este procedimento foi realizado e não se observou nenhuma mudança significativa que justificasse a recodificação dos pontos. De acordo com os mesmos autores (Maroco & Garcia-Marques, 2006), alfas muito baixos ou alfas negativos podem significar que os itens não medem o mesmo construto e é necessária uma reavaliação da base teórica que motivou a construção do instrumento.

Assim, o ponto que mais merece destaque é a questão das bases teóricas que sustentam a construção do instrumento. Como relatado neste trabalho, o campo teórico sobre potencial de ajustamento intercultural e até mesmo o ajustamento em si, permanece obscuro e com diversas lacunas metodológicas e conceituais, especialmente

no cenário brasileiro. Para Pasquali (2010) a ausência de uma teoria sólida sobre um construto parece ainda ser um dos grandes problemas dos instrumentos psicológicos. Uma teoria consistente sobre determinado traço psicológico permite ao pesquisador realizar uma definição constitutiva (situa o construto dentro da teoria) adequada aos construtos estudados e facilita a operacionalização dos itens, procedimentos estes, essenciais para construção de instrumentos de medida (Pasquali, 2010). Assim, argumenta-se como possíveis razões para a ocorrência das limitações e dos resultados insatisfatórios encontrados neste estudo as instabilidades dos conhecimentos sobre o tema, em que prevalecem poucas investigações priorizando métodos de adaptação transcultural de escalas e índices psicométricos, especialmente em escalas com temática similar à proposta no presente estudo.

## 6- Conclusão:

Acredita-se que são necessários novos estudos que possam contribuir para se compreender melhor a base teórica sobre a temática, chegando-se a um modelo que atenderá de maneira mais ampla e relevante as características da escala. Da mesma maneira, uma exploração ampla e profunda das bases conceituais da temática se faz imprescindível para que haja uma melhor adequação dos itens que compõe a escala para alcançar uma representação mais fiel às necessidades psicológicas consideradas no campo teórico.

Sugere-se que o instrumento seja revisado teoricamente e empiricamente já que de acordo com a AERA, APA e NMCE (1999) as revisões são necessárias a partir do momento que surgem novos dados de pesquisas sobre o instrumento, mudanças significativas no domínio ou novas condições para o uso e interpretação que demonstram que o teste não é adequado para medir tal construto psicológico. Esta revisão poderá resultar no refinamento deste instrumento ou construção de outros instrumentos que possam medir precisamente o construto pesquisado.

Deve-se ressaltar também que a amostra deste estudo foi de estudantes que, mesmo abrangendo pessoas de idades variadas, ainda contém alguns vieses. Logo, é importante que se realizem estudos posteriores com uma amostra mais heterogênea.

Vale salientar que este estudo contribuiu para divulgar os métodos utilizados para a adaptação cultural de instrumentos de medida elaborados em outros contextos. Apesar do avanço dos procedimentos estatísticos e da repercussão do processo de validação entre pesquisadores das ciências humanas, observa-se que os procedimentos formais tal como foi descrito neste estudo, são muitas vezes ignorados ou utilizados de maneira inadequada pelos pesquisadores. A construção de instrumentos de forma

intuitiva e a simples tradução de instrumentos elaborados em outros contextos é a prova de que ainda é preciso propalar o uso de medidas psicométricas para a utilização e construção de instrumentos psicológicos.

Contudo, esse trabalho se faz bastante pertinente para o estudo sobre ajustamento intercultural e para a área da avaliação psicológica, uma vez que apresenta estratégias adequadas para adaptação de instrumentos em psicologia. Mesmo tendo sido encontradas limitações, espera-se que este trabalho sirva de base para despertar o interesse de pesquisadores brasileiros com relação a esta área de estudo e a construção ou validação de instrumentos sobre o tema desta pesquisa, além da divulgação de procedimentos de adaptação cultural de instrumentos de medida.

## 7- Referências Bibliográficas

Abraído-Lanza, A. F., Armbrister, A. N., Flórez, K. R., & Aguirre, A. N. (2006). Toward a Theory-Driven Model of Acculturation in Public Health Research. *American Journal of Public Health*, 96(8), 1342-1346.

Almeida, C. C. (1975). Movimentos migratórios, espaços socioculturais e processos de aculturação, *Análise Social*, 42-43(11), 203-212.

American Educational Research Association, American Association & National Council on Measurement in Education. (1999). *Standards for educational and psychological testing*. New York: American Educational Research Association.

Ang, S., Van Dyne, L., & Koh, C. (2006). Personality correlates of the four-factor model of cultural intelligence. *Group and Organization Management*, 31, 100-123.

Arasaratnam, L. A., & Doerfel, M. L. (2005). Intercultural communication competence: Identifying key components from multicultural perspectives. *International Journal of Intercultural Relations*, 29, 137-163.

Armes, K., & Ward, C. (1988). Cross-cultural Transition and Sojourner Adjustment in Singapore. *The Journal of Social Psychology*, 129(2), 273-275.

Arthur, W., & Bennett, W. (1995). The international assignee: the relative importance of factors perceived to contribute to success. *Personnel Psychology*, 48, 99-114.



Babiker, I. E., Cox, J. L., & Miller, P. McG. (1980). The measurement of cultural distance and its relationship to medical consultations, symptomatology and examination of performance of overseas students at Edinburgh University. *Social Psychiatry*, 15, 109–116.

Baeninger, R. (2005). Tendências das migrações internas no Brasil. *Ciência Hoje*, 37, (219), 34-39.

Bagno, S.; Ewald, A. P., & Cavalcante, F. G. (2008). A Trajetória de Severino: A Migração e a Pobreza no Brasil. *Literatura em Debate*. Alto Uruguai e das Missões, 2(2), 1-11.

Beaton, D. E., Bombardier, C., Guillemin, F., & Ferraz, M. B. (2000). Guidelines for the process of cross-cultural adaptation of self-report measures. *Spine*, 25, 3186-3191.

Bennett, M. J. (1986). A developmental approach to training for intercultural sensitivity. *International Journal of Intercultural Relations*, 10(2), 179-95.

Berger, P., & Luckmann, T. (2002). *A construção social da realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento*. RJ: Ed Vozes.

Berry, J. W. (1970). Marginality, stress and ethnic identification in an acculturated Aboriginal community. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 1, 239-252.

Berry, J.W. (1990). Psychology of acculturation. In J. Berman (Ed.), *Cross-cultural perspectives: Nebraska Symposium on Motivation* (pp. 201-234). Lincoln: University of Nebraska Press.

Berry, J. W. (1992). Acculturation and adaptation in a new society. *International Migration*, 30, 69-85.

Berry, J. W. (1994). Acculturation and psychological adaptation. In A. M. Bouvy, F. J. R. V.D. Vijver, P. Boski & P. Schmitz (Eds.). *Journeys into cross-cultural psychology* (pp.129-141). Lisse, Netherlands: Swets and Zeitlinger.

Berry, J. W. (1997). Immigration, Acculturation, and Adaptation. *Applied Psychology: An International Review*, 46(1), 5-68.

Berry, J. W., Kim, U., & Boski, P. (1988). Psychological acculturation of immigrants. In Y. Y. Kim & W. B. Gudykunst (Eds.), *Cross-cultural adaptation: Current approaches*. International and intercultural communication annual (Vol. 11, pp. 62-89). Newbury Park, CA: Sage.

Bhawuk, D. P. S., & Brislin, R. (1992). The measurement of intercultural sensitivity using the concepts of individualism and collectivism. *International Journal of Intercultural Relations*, 16, 413-436.

Black, J. S. (1990). The relationship of personal characteristics with the adjustment of Japanese expatriate managers. *Management International Review*, 30(2), 119-134.

Black, J. S., & Mendenhall, M. E. (1990). Cross-cultural training effectiveness: A Review and theoretical framework. *Academy of Management Review*, 15, 113-136.

Black, J. S., & Stephens, G. K. (1989). The influence of the spouse on American expatriate adjustment and intent to stay in Pacific Rim overseas assignments. *Journal of Management*, 15, 529–544.

Boeing-da-Silveira, R., & Weihermann, C. (2009). Longe de casa, há mais de uma semana: o processo de ajustamento de intercambistas no exterior. *Revista ANGRAD*, 10 (3), 83-104.

Brein, M., & David. K. H. (1971). Intercultural Communication and Adjustment of the sojourners. *Psychological Bulletin*, 76(3), 215-230.

Brislin, R. (1981). *Cross cultural encounters*. New York: Pergamon Press.

Buss, D.M. (1991). Evolutionary personality psychology. In M.R. Rosenzweig & L.W. Porter (Eds.), *Annual Review of Psychology*, 42, 459-492. Palo Alto, CA: Annual Reviews Inc.

Byram, M. (1997). *Teaching and Assessing Intercultural Communicative Competence*. Clevedon: Multilingual Matters.

Caligiuri, R. M. (2000). Selecting expatriates for personality characteristics: A moderating effect of personality on the relationship between host national contract and cross-cultural adjustment. *Management International Review*, 40, 61-80.

Caligiuri, R. M., Hyland, M. M., Joshi, A., & Bross, A. S. (1998). Testing a theoretical model for examining the relationship between family adjustment and expatriates' work adjustment. *Journal of Applied Psychology*, 83, 598-614.

Carvalho, A. R. C. (2008). *Migrantes em Brasília: os motivos, as dores e os sonhos numa perspectiva clínica*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil.

Cattell, R. B. (1978). *The Scientific Use of Factor Analysis in Behavioral and Life Sciences*. Nova York: Plenum.

Chaimowicz, F. (1997) A saúde dos idosos brasileiros às vésperas do século XXI: problemas, projeções e alternativas. *Revista de Saúde Pública*, 31, 184-200.

Chen, G. M., & Starosta, W. J. (2000). The development and validation of the intercultural communication sensitivity scale. *Human Communication*, 3, 1-15.

Church, A. (1982). Sojourner adjustment. *Psychological Bulletin*, 91, 540-512.

Cole, M. (1998). *Cultural psychology: A once and future discipline*. Cambridge: Harvard University Press.

Costa, P. T., Jr., & Widiger, T. A. (1993). Introduction. In P. T. Costa & T. A. Widiger (Eds.). *Personality disorders and the Five-Factor Model of Personality* (pp. 1-10), Washington, DC: American Psychological Association.

Cuche, D. (1996). *La notion de culture dans les sciences sociales*. Paris: Éditions la Découvert.

Dancey, C. P., & Reidy, J. (2006). *Estatística sem matemática para psicologia usando o SPSS para Windows*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Debiaggi, S. D. (2005). Migração e implicações psicológicas: vivências reais para o indivíduo e o grupo. *Travessia Centro de Estudos Migratórios* (vol. 53, pp. 16-20). São Paulo.

DeBiaggi, S.D & Paiva, G. J. (2004). *Psicologia, e/imigração e cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Deller, J. (1997). Expatriate selection: Possibilities and limitations of using personality scales. In D. M. Saunders & Z. Aycan (Eds.). *New approaches to employee management* (Vol. 4, pp. 93-116). Greenwich, CT: JAI Press.

Dias, S., & Gonçalves, A. (2007) Migração e Saúde. *Revista do Observatório da Imigração*, 1, 15-26.

Dicken, C. (1969). Predicting the Success of Peace Corps Community Development Workers. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 33, 597–606.

Digman, J. M. (1990). Personality structure: The emergence of the Five-Factor Model. *Annual Review of Psychology*, 41, 417-440.

Earley, P.C., & Ang, S. (2003). *Cultural intelligence: Individual interactions across cultures*. Palo Alto: Stanford University Press.

Fantini, A. E. (2006). *Exploring and assessing intercultural competence*. Recuperado em 13 de abril de 2011, de [http://www.sit.edu/publications/docs/feil\\_research\\_report.pdf](http://www.sit.edu/publications/docs/feil_research_report.pdf).

Freire, T., & Neto, F. (1990). Contribuições da Psicologia Social para a Compreensão do Fenômeno Turístico. *Jornal de Psicologia*, 9(4), 3-13.

Furnham, A., & Bochner, S. (1986). *Culture Shock: Psychological Reactions to Unfamiliar Environments*. London: Methuen.

Furukawa, T. (1997). Cultural distance and its relationship to psychological adjustment of international exchange students. *Psychiatry and Clinical Neurosciences*, 51(3), 87-91.

Gao, G., & Gudykunst, W. (1991). Uncertainty, anxiety, and adaptation. *International Journal of Intercultural Relations*, 14(3), 301–317.

Gellatly, I. R. (1996). Conscientiousness and task performance: Test of cognitive process model. *Journal of Applied Psychology*, 81(5), 474-482.

Guillemin, F. (1995). Cross-cultural adaptation and validation of health status measures. *Scand. J. Rheumatol.*, 24, 61-63.

Guillemin, F., Bombardier, C., & Beaton, D. E. (1993). Cross-cultural adaptation of health-related quality of life measures: literature review and proposed guidelines. *Journal of Clinical Epidemiology*, 46, 1417-1432.

Graves, T. D. (1967). Psychological acculturation in a tri-ethnic community. *Southwestern Journal of Anthropology*, 23, 337 - 350.

Gross, J. J. (2001) Emotion regulation in adulthood: Timing is everything. *Current Directions in Psychological Science*, 10(6), 214-219.

Gifford, D. R. & Cummings, J. L. (1999). Evaluating dementia screening tests-Methodologic standards to rate their performance. *Neurology*, 52, 224-227.

Glovsky, V., & Haslam, N. (2003). Acculturation and Changing Concepts of Mental Disorder: Brazilians in the USA. *Transcultural Psychiatry*, 40(1), 50-61.

Hair, Jr., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2006). *Multivariate Data Analysis* (6<sup>th</sup> ed.). Upper Saddle River, NJ: Pearson Prentice Hall.

Hammer, M. R. (1998). A measure of intercultural sensitivity: The Intercultural Development Inventory. In S. Fowler & M. Fowler (Eds.). *The intercultural sourcebook* (Vol. 2, pp. 61- 72). Yarmouth, ME: Intercultural Press.

Hammer, M. R., Bennett, M. J., & Wiseman, R. (2003). Measuring intercultural sensitivity: The intercultural development inventory. *International Journal of Intercultural Relations*, 27, 421-443.

Haslberger, A. (2005). Facets and dimensions of cross-cultural adaptation: refining the tools. *Personnel Review*, 34(1), 85-109.

Hechanova, R., Beehr, T. A., & Christiansen, N. D. (2003). Antecedents and Consequences of Employees Adjustment to Overseas Assignment: A Meta-analytic Review. *Applied Psychology: An International Review*, 52 (2), 213-236.

Herdman, M., Fox-Rushby, J., & Badia, X. (1998). A model of equivalence in the cultural adaptation of HRQol instruments: the universalist approach. *Quality of Life Research*, 7, 323-335.

Herfst, S. L., Van Oudenhoven, J P., & Timmerman, M. E. (2008). Intercultural Effectiveness Training in three Western immigrant countries: A cross-cultural evaluation of critical incidents. *International Journal of Intercultural Relations*, 32, 67–80.



Hinderer, S. R., & Hinder, S. A. (2002). Métodos de medição: princípios e aplicação. In: B. M. Delisa, B. M. Gans, W. L. Bockenek, D. M. Currie & S. R. Geber. *Tratado de medicina de reabilitação*. São Paulo: Manole.

Hodge, S. (2000). *Global smarts: the art of communicating and deal making anywhere in the world*. New York: Wiley.

Hofstede, G. (1997). *Cultura e Organizações: compreender a nossa programação mental*. Lisboa: Edições Sílabo.

Huang, T. J., Chi, S. C., & Lawler, J. J. (2005) The relationship between expatriates' personality traits and their adjustment to international assignments. *Int. J. of Human Resource Management*, 16(9), 1656–1670.

Kamal, A. A., & Maruyama, G. (1990). Cross-cultural contact and attitudes of Qatari students in the United States. *International Journal of Intercultural Relations*, 14, 123–134.

Kelley, C., & Meyers, J. (1995). *CCAI Cross Cultural Adaptability Inventory Manual*. Minneapolis, MN: National Computer Systems, Inc.

Koltko-Rivera, M. E. (2000). The Worldview Assessment Instrument (WAI): The development and preliminary validation of an instrument to assess world view components relevant to counseling and psychotherapy. *Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering*, 61.

Leong, C. H. (2007). Predictive validity of the Multicultural Personality Questionnaire: A longitudinal study on the sociopsychological adaptation of Asian undergraduates who took part in a study-abroad program. *International Journal of Intercultural Relations*, 31, 545–559.

Levin, J. (1987) Correlação. Em: *Estatística aplicada a ciências humanas*. (pp. 276-316). São Paulo: Hbra.

Levy, M. S. F. (1974). O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872 a 1972). *Rev. Saúde Pública*, 10, 49-90.

Lordelo, E. R. (2010). A Psicologia Evolucionista e o conceito de cultura. *Estudos de Psicologia*, 15 (1), 55-62.

Martine, G. (1994). *A redistribuição espacial da população brasileira durante a década de 80*. Brasília: IPEA.

Massimi, M. (2006). Psicologia e cultura na perspectiva histórica. *Temas em Psicologia*, 14, (2), 177 -187.

Maroco, J., & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? *Laboratório de Psicologia*, 4 (1), 65-90.

Matsumoto, D. (2007). Culture, Context and Behaviour. *Journal of Personality*, 75, (6), 1285-1320.

Matsumoto, D., & LeRoux, J. A. (2006). *Intercultural Adaptation Potential Scale*. (Manual). San Francisco State University, São Francisco, CA, Estados Unidos.

Matsumoto, D., Hirayama, S., & LeRoux, J. A. (2005). Psychological Skills Related to Intercultural Adjustment. In P. T. P. Wong & L. C. J. Wong. (Eds.), *Handbook of Multicultural Perspectives on Stress and Coping*. New York: Kluwer Academic/Plenum Publishing.

Matsumoto, D., LeRoux, J. A., Bernhard, R., & Heather, G. (2004). Unraveling the psychological correlates of intercultural adjustment potential. *International Journal of Intercultural Relations*, 28, 281–309.

Matsumoto, D., LeRoux, J. A., Iwamoto, M., Choi, J. W., Rogers, D., Tatani, H., & Uchida, H. (2003). The robustness of the intercultural adjustment potential scale (ICAPS): the search for a universal psychological engine of adjustment. *International Journal of Intercultural Relations*, 27, 543–562.

Matsumoto, D., LeRoux, J., Ratzlaff, C., Tatani, H., Uchida, H., Kim, C., & Araki, S. (2001). Development and validation of a measure of intercultural adjustment potential in Japanese sojourners: The Intercultural Adjustment Potential Scale (ICAPS). *International Journal of Intercultural Relations*, 25, 483-510.

Matsumoto, D., LeRoux, J. A., Robles, Y., & Campos, G. (2007) The Intercultural Adjustment Potential Scale (ICAPS) predicts adjustment above and beyond personality

and general intelligence. *International Journal of Intercultural Relations*, 31(6), 747–759.

Matsumoto, D., Yoo, S. H., & LeRoux, J. A. (2009). Emotion and intercultural adjustment. In H. Kotthoff & H. Spencer-Oatley (Eds.). *Handbook of Applied Linguistic (Vol 7). Intercultural Communication*. Mouton: Gruyter Publishers.

Menezes, C. C. de S. (1976). *A mudança: análise da ideologia de um grupo de migrantes*. Rio de Janeiro: Imago.

Mol, S., Van Oudenhoven, J. P., & Van der Zee, K. I. (2001). Validation of the M.P.Q. amongst an internationally oriented student population in Taiwan. In F. Salili, & R. Hoosain (Eds.). *Research in multicultural education and international perspectives* (pp. 167-186). Greenwich, CT: Information Age Publishing Inc.

Montagliani, A., & Giacalone, R. A. (1998). Impression management and cross-cultural adaptation. *Journal of Social Psychology*, 138(5), 598–608.

Moré, C. L. O. O., & Queiroz, A. H. (2007). Migração, movimento e transformação: Irrupção do novo nas relações familiares. In: C. M. de O. Cervený (Org.). *Família em Movimento*. (pp. 54-68). São Paulo: Casa do psicólogo.

Mota, E. L. A., Franco, A. L. S., & Motta, M. C. (1999). Migração, estresse e fatores psicossociais na determinação da saúde da criança. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 12(1), 119-132.

Motta, F. C. P., & Caldas, M. P. (1997). (Orgs). *Cultura Organizacional e cultura brasileira*. São Paulo: Atlas.

Nicholson, N. (1984). A theory of work role transitions. *Administrative Science Quarterly*, 29 (2), 172-191.

Nunes, B. F. (2002) Urbanização e migrações: reflexões gerais para auxiliar na interpretação do fenômeno migratório no Brasil. In: Centro Scalabrianos de Estudos Migratórios – CSEM (Org.). *Migrações e Situações de Fronteira* (vol. 1, pp. 11-21). Brasília: CSEM.

Oberg, K. (1960). Culture shock: adjustment to new cultural environments. *Practical Anthropology*, 7, 177-182.

Olson, C. L., & Kroeger, K. R. (2001). Global competency and intercultural sensitivity. *Journal of Studies in International Education*, 5, 116-137.

Ones, D. S., & Viswesvaran, C. (1997). Personality determinants in the prediction of aspects of expatriate job success. In Z. Aycan, & D. M. Saunders (Eds.). *New approaches to employee management* (Vol. 4, pp. 63-93). London: Elsevier Science & Technology.

Paiva, G. J. (2004). Apresentação. In S. D. Debiaggi., & G. J. Paiva (Orgs). *Psicologia, E/Imigração e Cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Palthe, J. (2004). The relative importance of antecedents to cross- cultural adjustment: implications for managing a global workforce. *International Journal of Intercultural Relations*, 28, 37-59.

Pasquali, L. (1998). Princípios de elaboração de escalas psicológicas. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 25(5), 206-213.

Pasquali, L. (2004). *Psicometria: teoria dos testes na psicologia e na educação*. Petrópolis: Vozes.

Pasquali, L. (2005) *Análise Fatorial para Pesquisadores*. Brasília: LabPAM

Pasquali, L. (2010). *Instrumentação psicológica: fundamentos e práticas*. Porto Alegre: Artmed.

Pastori, S. S. (2006). *Mudança de lugar/ Lugar de mudança: Impasses psíquicos no processo migratório*. Dissertação de doutorado. PUC-SP, São Paulo, Brasil.

Pederson, P. (1995). *The five stages of culture shock: critical incidents around the world*. Westwood, CT: Greenwood Press.

Pereira, N. A. F., Pimentel, R., & Kato, H. T. (2005). Expatriação e estratégia internacional: o papel da família como fator de equilíbrio na adaptação do expatriado. *Revista de Administração Contemporânea*, 9(4), 53-71.

Pervin, L. A. & John, O. P. (2004). *Personalidade: teoria e pesquisa*. (R. C. Costa, trad.). 8ª ed. Porto Alegre: Artmed

Renner, C. H. & Patarra, N. L. (1980). Migrações. In L. F. Santos, & M. F. Levy, & Sznricsangi (Orgs). *Dinâmica da população: teoria, métodos e técnicas de análise*. São Paulo: T. A. Queiroz.

Ribas, A. F. P., & Moura, M. L. S. (2006). Abordagem sociocultural: algumas vertentes e autores. *Psicologia em Estudo*, 11 (1), 129-138.

Rickard, M. (1994). Liberalism, multiculturalism, and minority protection. *Social Theory and Practice*, 20, 143–170.

Risager, K. (2007). *Language and culture pedagogy: From a national to a transnational paradigm*. Buffalo, NY: Multilingual Matters.

Rodrigues, S. B., & Duarte, R. G. (1999). Diversidade cultural no ambiente dos negócios internacionais. In: M. M. F. Vieira, L. M. B. Oliveira. de (Coords.). *Administração contemporânea: perspectivas estratégicas*. São Paulo: Atlas.

Rose, R. C., & Subramaniam, N. K. (2008) A review on individual differences and cultural intelligence. *The Journal of International Social Research*, 1 (4), 504-522.

Ruben, B. D. (1976). Assessing communication competency for intercultural adaptation. *Group and Organization Studies*, 1, 334-354.

Ruben, B. D. (1989). The study of cross-cultural competence: Traditions and contemporary issues. *International Journal of Intercultural Relations*, 13, 229-240.

Ruben, B. D., & Kealey, D. (1979). Behavioral assessment of communication competency and the prediction of cross-cultural adaptation. *International Journal of Intercultural Relations*, 3, 15-48.

Rudmin, F. W. (2003). Critical History of the Acculturation Psychology of Assimilation, Separation, Integration and Marginalization. *Review of General Psychology*, 7(1), 3-37.

Sam, D. L., & Berry, J.W. (1995). Acculturative stress among young immigrants in Norway. *Scandinavian Journal of Psychology*, 36, 10-24.

Sam, D. L., & Berry, J. W. (2006). *The Cambridge handbook of acculturation psychology*. New York, NY, US: Cambridge University Press.

Sarriera, J. C. (2000). Educação para a integração entre culturas e povos: da aculturação para o multiculturalismo. In J. C. Sarriera, (Ed.). *Psicologia Comunitária: estudos atuais* (pp. 179-201). Porto Alegre: Sulina Meridional.

Sarriera, J. C.; Pizzinato, A., & Meneses, M. P. R. (2005). Aspectos psicossociais da imigração familiar na grande Porto Alegre. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 10(1), 5-13.



Savick, V., Downing-Burnette, R., Hellen, H., Binden, F., & Suntingen, W. (2004). Contrasts, changes, and correlates in actual and potential intercultural adjustment. *International Journal of Intercultural Relations*, 28, 311-329.

Searle, W., & Ward, C. (1993). The prediction of psychological and sociological adjustment during cross-cultural transitions. *International Journal of Intercultural Relations*, 14, 449-464.

Sinicrope, C., Norris, J. M., & Watanabe, Y. (2007). Understanding and assessing intercultural competence: A summary of theory, research and practice. *Second Language Studies*, 26(1), 1-58.

Shin, H., & Abell, N. (1999). The homesickness and contentment scale: developing a culturally sensitive measure of adjustment for Asians. *Research on Social Work Practice*, 9(1), 45-60.

Shupe, E. I. (2007). Clashing Cultures: A Model of International Student Conflict. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 38, 750-771.

Smith, E. A. (2000). Three styles in the evolutionary analysis of human behavior. In L. Cronk, N. Chagnon & W. Irons (Orgs.), *Adaptation and Human Behavior* (pp. 27-46). New York: Aldine de Gruyter.

Skinner, B. F. (1976). *Ciência e comportamento humano*. (J.P. Todorov Trad.) São Paulo: EDART. (Originalmente publicado em 1953).

Sodowsky, G. R., Lai, E. W. M., & Plake, B. S. (1991). Moderating effects of sociocultural variables on acculturation attitudes of Hispanics and Asian Americans. *Journal of Counseling & Development, 70* (1), 194-204.

Spreitzer, G. M., & McCall, M. W. (1997). Early identification of international executive potential. *Journal of Applied Psychology, 82*, 6-29.

Stahl, G. K., & Caligiuri, P. (2005). The Effectiveness of Expatriate Coping Strategies: The Moderating Role of Cultural Distance, Position Level, and Time on the International Assignment. *Journal of Applied Psychology, 90*(4), 603-615.

Stewart, L., & Leggat, P. A. (1998). Culture Shock and Travelers. *Journal of Travel Medicine, 5*, 84-88.

Stoll, K., & Johnson, P. J. (2007). Determinants of the psychosocial adjustment of Southern Sudanese Men. *Journal of Refugee Studies, 20*(4), 621-640.

Streiner, D. L., & Norman, G. R. (2003). *Health Measurement Scales*. Oxford: Oxford University Press.

Sussman, N. M. (2000). The dynamic nature of cultural identity throughout cultural transitions: why home is not so sweet. *Personality and Social Psychology Review, 4*(4), 355-373.

Sussman, N. M. (2002). Sojourners to another country: The psychological roller coaster of cultural transitions. In W. J. Lonner, D. L. Dinnel, S. A. Hayes, & D. N. Sattler (Eds.). *Online Readings in Psychology and Culture*.

Tabachnick, B. & Fidell, L. (2007). *Using multivariate statistics*. 5a ed. Boston: Allyn and Bacon.

Terry, D. J., Pelly, R. N., Lalonde, R. N., & Smith, J. S. (2006). Predictors of Cultural Adjustment: Intergroup Status Relations and Boundary Permeability. *Group Processes & Intergroup Relations*, 9(2) 249-264.

Tomkins, S.S. (1963). *Affect, imagery, and consciousness (Vol. 2: The negative affects)*. New York: Springer.

Tsang, E. W. K. (2001). Adjustment of mainland Chinese academics and students to Singapore. *International Journal of Intercultural Relations*, 25, 347-372.

Tung, R. L. (1998). American expatriates abroad: From neophytes to cosmopolitans. *Journal of World Business*, 33, 125–144.

Ueno, L. (2008). *Migrantes em Trânsito entre Brasil e Japão: uma Intervenção Psicossocial no Retorno*. Dissertação de mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Van der Zee, K. I., & Van Oudenhoven, J. P. (2000). The Multicultural Personality Questionnaire: A multidimensional instrument of multicultural effectiveness. *European Journal of Personality*, 14, 291-309.

Van der Zee, K. I., & Van Oudenhoven, J. P. (2001) The Multicultural Personality Questionnaire: Reliability and Validity of Self- and Other Ratings of Multicultural Effectiveness. *Journal of Research in Personality*, 35, 278–288.

Van der Zee, K. I., Ali, A. J., & Haaksma, I. (2007). Determinants of effective coping with cultural transition among expatriate children and adolescents. *Anxiety, Stress and Coping; An International Journal*, 20(1), 25-45.

Valsiner, J. (1995). Editorial culture and psychology. *Culture & Psychology*, 1, 5-10.

Ward, C. (1996). Acculturation. In D. Landis & R. Bhagat (Eds.), *Handbook of Intercultural training* (2<sup>nd</sup> Ed.). Newbury Park, CA: Sage.

Ward, C., & Kennedy, A. (1993a). Where's the "culture" in cross-cultural transition? Comparative studies of sojourner adjustment. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 24, 221-249.

Ward, C., & Kennedy, A. (1993b). Psychological and sociocultural adjustment during cross-cultural transitions: A comparison of secondary students overseas and at home. *International Journal of Intercultural Relations*, 28, 129-147.

Ward, C., & Kennedy, A. (1999). The measurement of Sociocultural Adaptation. *International Journal of Intercultural Relations*, 23(4), 659-677.

Ward, C., & Searle, W. (1991). The impact of value discrepancies and cultural identity on psychological and sociocultural adjustment of sojourners. *International Journal of International Relations*, 15, 209-225.

Yoo, S. H., Matsumoto, D., & LeRoux, J. (2006). Emotion regulation, emotion recognition and intercultural adjustment. *International Journal of Intercultural Relations*, 30(3), 345-363.

Zimmerman, S. (1995). Perceptions of intercultural communication competence and international student adaptation to an American campus. *Communication Education*, 44, 321-335.



9. Eu geralmente me sinto inferior aos outros.
10. Se faço algo errado, eu quero esconder das outras pessoas
11. O cidadão comum pode influenciar decisões governamentais
12. Assistir a espetáculos de balé, ou dança moderna, é chato.
13. Eu gosto de poemas tradicionais.
14. Os cheiros me fazem recordar o passado.
15. As pessoas não devem se preocupar com o que os outros fazem.
16. Às vezes, eu mudo a mobília do meu quarto de lugar só para que ele fique diferente
17. Eu me sinto feliz na maior parte do tempo
18. Eu me irrita facilmente
19. Eu raramente fico animado.
20. Eu sou uma pessoa tradicional.
21. O problema com as crianças, atualmente, é que seus pais não as castigam o suficiente.

22. Eu já tentei escrever poesia

--

23. Meus pais eram sempre rígidos comigo

--

24. Eu gosto de pensar sobre as origens do universo

--

25. A educação sexual é algo bom

--

26. Eu acho que as mulheres devem ter a mesma liberdade sexual que os homens.

--



## ANEXO B

Curso:

Sexo: ( )M ( )F

Data de nascimento:

Naturalidade:

Data:

Estamos desenvolvendo uma pesquisa sobre adaptação de estudantes brasileiros a culturas diferentes. Assim, por favor, use a escala abaixo, assinalando nos parênteses, em frente a cada item, o número que melhor representa a sua opinião. Por exemplo, se você concorda totalmente com o item, escreva **7** no parêntese à esquerda da frase. Se você discorda totalmente, escreva **1** no parêntese à esquerda da frase.

**1            2            3            4            5            6            7**

**Discordo  
Totalmente**

**Neutro**

**Concordo  
Totalmente**

01. ( ) Eu não me importaria se meu marido, ou esposa, tivesse amigos do sexo oposto.
02. ( ) Estar em situações emocionais tensas me assusta.
03. ( ) Às vezes, eu não me importo muito quando vejo alguém sendo tratado de modo injusto.
04. ( ) Bater em uma criança é a melhor maneira de ensiná-la.
05. ( ) Eu não me preocupo muito.
06. ( ) Eu raramente me sinto ansioso ou com medo.
07. ( ) Eu frequentemente me preocupo com as coisas que podem dar errado.
08. ( ) Eu não sinto muito prazer em conversar com as pessoas.
09. ( ) Eu geralmente me sinto inferior aos outros.
10. ( ) Se faço algo errado, eu quero esconder das outras pessoas.
11. ( ) O cidadão comum pode influenciar decisões governamentais
12. ( ) Assistir a espetáculos de balé, ou dança moderna, é chato.
13. ( ) Eu gosto de poemas tradicionais.
14. ( ) Os cheiros me fazem recordar o passado.
15. ( ) As pessoas não devem se preocupar com o que os outros fazem.
16. ( ) Às vezes, eu mudo a mobília do meu quarto de lugar só para que ele fique diferente
17. ( ) Eu me sinto feliz na maior parte do tempo

- 18. (    ) Eu me irrito facilmente
- 19. (    ) Eu raramente fico animado.
- 20. (    ) Eu sou uma pessoa tradicional.
- 21. (    ) O problema com as crianças, atualmente, é que seus pais não as castigam o suficiente.
- 22. (    ) Eu já tentei escrever poesia
- 23. (    ) Meus pais eram sempre rígidos comigo
- 24. (    ) Eu gosto de pensar sobre as origens do universo
- 25. (    ) A educação sexual é algo bom
- 26. (    ) Eu acho que as mulheres devem ter a mesma liberdade sexual que os homens.

## ANEXO C



Universidade Federal de Uberlândia  
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP

Avenida João Naves de Ávila, nº. 2160 - Bloco A – Sala 224 - Campus Santa Mônica - Uberlândia-MG –  
CEP 38400-089 - FONE/FAX (34) 3239-4131; e-mail: [cep@propp.ufu.br](mailto:cep@propp.ufu.br); [www.comissoes.propp.ufu.br](http://www.comissoes.propp.ufu.br)

ANÁLISE FINAL Nº. 1037/10 DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA PARA O PROTOCOLO REGISTRO CEP/UFU  
350/10

Projeto Pesquisa: Tradução e Adaptação da Escala de Potencial de Ajustamento Intercultural para a Realidade Brasileira.

Pesquisador Responsável: Sinésio Gomide Junior

De acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 196/96, o CEP manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa proposto.

O protocolo não apresenta problemas de ética nas condutas de pesquisa com seres humanos, nos limites da redação e da metodologia apresentadas.

O CEP/UFU lembra que:

a- segundo a Resolução 196/96, o pesquisador deverá arquivar por 5 anos o relatório da pesquisa e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, assinados pelo sujeito de pesquisa.

b- poderá, por escolha aleatória, visitar o pesquisador para conferência do relatório e documentação pertinente ao projeto.

c- a aprovação do protocolo de pesquisa pelo CEP/UFU dá-se em decorrência do atendimento a Resolução 196/96/CNS, não implicando na qualidade científica do mesmo.

Data de entrega do relatório final: Julho de 2011.

SITUAÇÃO: PROTOCOLO APROVADO.

OBS: O CEP/UFU LEMBRA QUE QUALQUER MUDANÇA NO PROTOCOLO DEVE SER INFORMADA IMEDIATAMENTE AO CEP PARA FINS DE ANÁLISE E APROVAÇÃO DA MESMA.

Uberlândia, 10 de Dezembro de 2010.

Profa. Dra. Sandra Terezinha de Farias Furtado  
Coordenadora do CEP/UFU

## ANEXO D

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada: Tradução e adaptação da escala de potencial de ajustamento intercultural para a realidade brasileira, sob a responsabilidade dos pesquisadores – Jesselyn Nayara Tashima e do Prof. Dr. Sinésio Gomide Júnior.

Esta pesquisa tem como objetivo adaptar uma escala de ajustamento intercultural para o contexto brasileiro. Na sua participação você responderá a um questionário fechado contendo 26 questões. A aplicação do instrumento atenderá às seguintes observações:

- 1- O horário de aplicação do instrumento será escolhido pelo professor.
- 2- Fica assegurado que em nenhum momento você será identificado e será mantido o caráter confidencial das informações relacionadas com a sua privacidade.
- 3- Caso não se sinta esclarecido sobre o termo ou sobre o estudo, você poderá pedir maiores informações, a qualquer momento, dirigindo-se ao pesquisador.
- 4- Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa.
- 5- A participação na pesquisa não lhe proporcionará qualquer risco. Ao contrário, o estudo beneficiará a comunidade científica através do acréscimo de mais um instrumento de avaliação e aqueles que se utilizam direta ou indiretamente desses conhecimentos.
- 6- Os resultados da pesquisa serão publicados em jornais ou revistas da área e ainda assim a sua identidade será preservada.
- 7- Fica assegurada a sua liberdade de retirar o seu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, no que será prontamente atendido, sem nenhum prejuízo ou coação.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com:

Prof. Dr. Sinésio Gomide Júnior: Telefone: 3218-2235 - Endereço: Av. Pará, 1720 Bloco 2C, Campus Umuarama

Você poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres-Humanos – Universidade Federal de Uberlândia: Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco J, Campus Santa Mônica – Uberlândia –MG, CEP: 38408-100; Fone: 34-3239-4131

Uberlândia, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2011

---

Assinatura dos pesquisadores

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

---

Participante da pesquisa

## ANEXO E

## VERSÕES DO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO

ICAPS – Versão original	Tradução	Retrotradução	Concordância semântica
I would not object to my husband or wife having friends of the opposite sex.	1. Eu não me importaria se meu marido, ou esposa, tivesse amigos do sexo oposto.	It would not bother me if my husband, or wife, had friends of the opposite sex	1-15 93,34%
Being in tense emotional situations scares me	2. Estar em situações emocionais tensas me assusta.	Being in tense emotional situations frightens me	100%
When I see someone being treated unfairly, I sometimes don't care much	3. Às vezes, eu não me importo muito quando vejo alguém sendo tratado de modo injusto.	At times it doesn't bother me when I see someone being treated wrongly	1- 12 91,66%
Spanking a child is the best way to teach them.	4. Bater em uma criança é a melhor maneira de ensiná-la.	Beating a child is the best way to teach him	100%
I do not worry very much.	5. Eu não me preocupo muito.	I don't worry much	100%
I rarely feel anxious or fearful	6. Eu raramente me sinto ansioso ou com medo.	I rarely fell anxious or afraid	100%
I often worry about things that might go wrong	7. Eu frequentemente me preocupo com as coisas que podem dar errado.	I frequently worry about things that may go wrong	100%
I don't get much pleasure from talking with people.	8. Eu não sinto muito prazer em conversar com as pessoas.	I don't get great pleasure in talking to people.	100%
I usually feel lower than others	9. Eu geralmente me sinto inferior aos outros.	I generally feel inferior to others	100%
If I have done something wrong I want to hide from other people.	10. Se faço algo errado, eu quero esconder das outras pessoas.	If I do something wrong I want to hide from other people	100%
The average citizen can influence governmental decisions	11. O cidadão comum pode influenciar decisões governamentais.	The man on the street can influence governmental decisions	2-7 71,42%
Watching ballet or modern dance performances is boring	12. Assistir a espetáculos de balé, ou dança moderna, é chato.	Watching a performance of ballet or modern dance is boring	100%
I like traditional	13. Eu gosto de	I like traditional	100%

poetry	poemas tradicionais.	poems	
Smells remind me of old memories	14. Os cheiros me fazem recordar o passado.	Smells bring back old memories	2-6 66,67%
People should not care what other people do	15. As pessoas não devem se preocupar com o que os outros fazem.	People should not worry about what others do	100%
Sometimes I rearrange my room just to make it different	16. Às vezes, eu mudo a mobília do meu quarto de lugar só para que ele fique diferente.	Sometimes I change the furniture in my room about, just to make it different	100%
I feel happy most of the time	17. Eu me sinto feliz na maior parte do tempo.	I feel happy most of the time	100%
I get angry easily.	18. Eu me irrito facilmente.	I get angry easily	100%
I hardly ever get excited.	19. Eu raramente fico animado.	I rarely get excited	100%
I am a traditional person.	20. Eu sou uma pessoa tradicional.	I am a traditional person	100%
The trouble with children nowadays is their parents don't punish them enough	21. O problema com as crianças, atualmente, é que seus pais não as castigam o suficiente.	The problem with children today is that their parents don't chastise them enough	100%
I have tried to write poetry.	22. Eu já tentei escrever poesia.	I have tried to write poetry	100%
My parents were always strict with me	23. Meus pais eram sempre rígidos comigo.	My parents were always strict with me	100%
I like to wonder about the origins of the universe	24. Eu gosto de pensar sobre as origens do universo.	I like to think about the beginnings of the universe	100%
Sex education is a good thing.	25. A educação sexual é algo bom.	Sexual education is a good thing	100%
I think women should have as much sexual freedom as men	26. Eu acho que as mulheres devem ter a mesma liberdade sexual que os homens.	I think that women should have the same sexual freedom as men	100%